

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

Rodrigo Murtinho
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – O tempo presente na Fiocruz: ciência e saúde no enfrentamento da pandemia de covid-19

Entrevistado – Rodrigo Murtinho (RM)

Entrevistadores – Simone Petraglia Kropf (SK), Ede Conceição Bispo Cerqueira (EC), Kátia Lerner (KL) e Thiago da Costa Lopes (TL)

Data – 16/07/2021 e 31/08/2021

Formato da gravação – Entrevista remota realizada via *Zoom*

Duração – 05h 04 min

Responsável pela transcrição e sumário – Thaís Patrícia Mancilio da Silva

Responsável pela conferência de fidelidade – Alessandra Lima da Silva

Responsável pelo copidesque – Luciana de Araujo Pinheiro¹

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

MURTINHO, Rodrigo. *Rodrigo Murtinho. Entrevista de história oral concedida, em julho e agosto de 2021, ao projeto O tempo presente na Fiocruz: ciência e saúde no enfrentamento da pandemia de covid-19*. Rio de Janeiro, Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2025. 57 p.

¹ No momento da revisão da transcrição, o depoente fez pequenos ajustes no texto.

Sumário

Primeira Sessão (16/07/2021)

Breve apresentação da formação acadêmica e trajetória profissional. Suas impressões dos momentos iniciais da covid-19 no Brasil. Primeiras medidas de reorganização da Fiocruz, visando ao trabalho remoto. O programa Monitora Covid-19. Criação do Observatório Covid-19 da Fiocruz. Impactos psicológicos decorrentes da pandemia e do confinamento. A intensa demanda por informação aos pesquisadores da Fiocruz por parte da imprensa e da sociedade. A Fiocruz como importante porta-voz no enfrentamento à covid: a sistematização de dados e a relação da comunicação institucional com a mídia. Atuação da Fiocruz nas comunidades cariocas. Participação do ICICT (Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde/Fiocruz) como representante da Fiocruz na audiência pública relativa ao projeto de lei contra desinformação na Câmara dos Deputados. A criação de um plano nacional de comunicação. A relação entre comunicação pública e comunicação institucional. Os desafios, os limites e as contradições da área de comunicação na Fiocruz. Visibilidade e valorização da Fiocruz por diversos setores sociais no contexto pandêmico. Estratégias de proteção da Fiocruz nas redes sociais e posturas para diminuir a circulação de desinformação nas redes. O “Fale Conosco” da Fiocruz: demandas e perguntas mais colocadas pela sociedade. A produção do vídeo do Centro Hospitalar Covid-19 da Fiocruz. Banco de imagens da Fiocruz. Atuação da VideoSaúde nas transmissões de eventos remotos, as ações do “Se liga no Corona” e o desenvolvimento de materiais para eventos e ações da Fiocruz.

Segunda Sessão (31/08/2021)

Ações do ICICT sobre os idosos e os trabalhadores da saúde. A articulação da Fiocruz com sindicatos e com os Agentes Comunitários de Saúde. Projetos para o enfrentamento das desigualdades sociais e a relação com a população atendida. A atuação dos comunicadores populares. Projetos do ICICT relacionados ao ensino e à comunicação. Sobre o uso das informações disponibilizadas por usuários de aplicativos de saúde. Importância dos dados fornecidos pelos consumidores para o monitoramento realizado por grandes empresas. Aproximação entre as empresas públicas e privadas com vistas ao enfrentamento da pandemia. O aprofundamento das relações entre a Fiocruz e outras instituições do Estado brasileiro. A necessidade de modificar o Portal Fiocruz diariamente devido ao enorme fluxo de notícias e acontecimentos. A importância da criação do Observatório Covid-19 da Fiocruz. O trabalho de seleção das notícias veiculadas no Portal Fiocruz. Momentos de preocupação vividos pelas equipes da Fiocruz durante o enfrentamento da covid. O aprendizado pessoal e profissional em decorrência da pandemia. O fortalecimento da imagem do SUS para a sociedade brasileira.

Data: 16/07/2021

Primeira sessão

SK – Bom dia. Hoje é dia 16 de julho de 2021. Estamos aqui iniciando a nossa entrevista com o Rodrigo Murtinho, que é diretor do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica (ICICT) da Fiocruz. Estão aqui comigo também Kátia Lerner, que é pesquisadora do ICICT, Thiago Lopes e Ede Cerqueira, que são pesquisadores bolsistas desse projeto que se chama "O tempo presente na Fiocruz: Ciência e Saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19". Rodrigo, eu queria agradecer muito sua disponibilidade de dar esse depoimento para a gente. É um prazer ter você aqui, te ouvir. Antes de a gente passar ao tema da entrevista, que é o enfrentamento da pandemia de covid, eu queria pedir para você se apresentar rapidamente, falando um pouquinho da tua trajetória, da tua formação, de como é que você entrou na Fiocruz. Rapidamente, só para a gente situar o teu percurso institucional.

RM – Eu que agradeço essa oportunidade. Eu vinha acompanhando o seu trabalho também junto ao Conselho Deliberativo (CD) Fiocruz. Acho que esse trabalho é importantíssimo para deixar uma memória para as futuras gerações, para futuros estudos. É um momento muito rico que a instituição está passando e um momento muito grave e significativo da vida do país. Certamente essas histórias serão contadas com muitas versões no futuro e é importante que a instituição também produza esse tipo de memória. Bom, a minha formação foi em Comunicação Social, nas três etapas. Na graduação eu fiz habilitação em produção editorial. Trabalhei por 10 anos no mercado editorial antes de vir para a Fiocruz. Durante esse período, cursei o meu mestrado na UFF [Universidade Federal Fluminense] em Comunicação e depois fiz o meu doutorado também em Comunicação, na UFF, mas já como servidor da Fiocruz. Entrei no concurso de 2006 junto com a Kátia [Lerner], ainda como mestre, e o meu tema de pesquisa sempre foi a área de políticas de comunicação e, no sentido mais amplo, direitos humanos e comunicação. E aí eu consegui um bom gancho entrando para a Fiocruz. Eu não tinha tanto contato assim com o campo da saúde. Eu tinha tido um contato, que foi importante também, na década de 1990, até no início do SUS, quando eu assessoriei uma deputada estadual que foi presidente da Comissão de Saúde da ALERJ. Então deu para acompanhar um pouco o início do SUS e alguns debates importantes naquele momento, mas a entrada na Fiocruz foi uma mudança total na minha vida, porque eu não tinha uma vida de pesquisador antes de entrar na Fiocruz. Eu já tinha dado aula em faculdade particular, já tinha feito umas atividades mais pontuais de pesquisa, mas não tinha uma carreira de pesquisador, não tinha um cotidiano de pesquisador. Então, foi uma mudança radical de ares. Eu vinha em uma carreira de editor, não de pesquisador. De lá para cá eu tenho atuado no laboratório de Comunicação em Saúde do ICICT. Atuado entre aspas, porque eu já estou fora há oito anos, indo para nove, mas sempre compartilhando ideias e participando também de algumas atividades. Sou pesquisador do Laces [Laboratório de Comunicação e Saúde – ICICT/Fiocruz]. Dentro do ICICT, eu passei pela editoria científica, fui editor da RECIIS [Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde do ICICT/Fiocruz] por um tempo, fui vice-diretor de Informação e Comunicação na gestão do Umberto Trigueiros. Em 2017, fui eleito para a primeira gestão na direção. Rapidamente, é mais ou menos isso.

SK – Rodrigo, como é que você se lembra desses momentos iniciais da chegada da covid-19 no Brasil? Quando é que você se deu conta do que estava vindo e como é que foram as ações iniciais, naquele comecinho mesmo, que foi muito confuso para todo mundo?

RM – Eu me lembro que eu fui um dos primeiros a ser contaminado. Então eu descobri assim, vivendo a doença.

SK – Quando você se contaminou?

RM – Eu me dei conta que podia estar contaminado em torno do dia 11 de março. Eu lembro até que foi no dia 12 ou 13. Inclusive eu encontrei a Kátia em uma reunião, lá na minha sala, que eu já abria a varanda. Falei: “Eu vou ficar de longe, porque não deve ser, mas pode ser”. Na verdade, eu até conto essa história inusitada. Eu descobri, eu comecei a passar mal no Maracanã. Eu fui com a minha filha em um jogo do Flamengo, da Libertadores. Foi o último que nós fomos, depois também fechou tudo. E comecei a me sentir muito cansado lá, com uma tosse muito forte, mas como eu sou alérgico, não tinha me dado conta de que podia ser. E na sexta-feira eu fui para casa. Na segunda, eu retornei à Fiocruz para fazer um exame. Na quarta, tive a confirmação de que eu estava contaminado. Então foram os primeiros dias, a instituição ainda estava se mobilizando, o CD estava se reunindo. Nessa semana, o CD se reuniu inclusive na segunda e na sexta. Eu já participei na sexta de casa, com receio de fazer um strike no CD, né? Na semana seguinte, a gente começou a se organizar para começar o trabalho remoto. Tentar se organizar. Já na sexta-feira, eu lembro que as pessoas mais velhas e com comorbidades já foram orientadas a ficar em casa. E nos primeiros dias da semana seguinte, fazendo uma transição para o trabalho remoto em um “cavalo de pau”, porque ninguém se preparou. A gente acompanhou as notícias que estavam acontecendo na China. A gente foi vendo a doença se aproximar, mas ninguém tinha a noção de que ela já estava no Brasil, provavelmente durante o carnaval, sendo disseminada. Então, a gente não pôde se preparar direito. Eu te confesso que também não me permiti parar. O meu quadro não foi dos mais graves, embora eu tenha tido momentos de muito cansaço, muita prostração, muita dor no corpo, muita dor de cabeça, mas naquele momento eu acho que a adrenalina também não deixou parar muito tempo. Eu parava meio dia, parava um dia, mas a gente começou a se organizar em uma tensão muito grande e tentando entender qual era o nosso papel. Os setores começaram a se organizar. A gente orientando que paralisasse a maioria das atividades que estavam sendo realizadas naquele momento, para que pudéssemos jogar todo o peso no enfrentamento à pandemia. Criamos uma coordenação no ICICT para organizar as ações e auxiliar o CD nesse dia a dia, já que a gente optou por não manter o CD todo mobilizado, porque algumas atividades realmente não tinham necessidade de ter uma participação – embora tenha repercutido em todas as áreas. Então, esse momento inicial foi muito... foi todo mundo pego de surpresa. Inclusive eu, fui fazer o exame e tomei uma bronca da enfermeira, dizendo: “Você sabe que o seu quadro não era para estar fazendo exame, né?”. Porque o exame era escasso. Eu não tinha febre, por exemplo. E quem não tinha febre, não tinha covid. Mas acabou se confirmando e eu fiz outro exame depois, que eu já tinha marcado em um laboratório particular e não quis desmarcar, e confirmou. Então foi praticamente um mês trancado em casa, vendo as pessoas pela fresta da porta e pela internet.

SK – A gente estava no início, né? Você falou em março. Os primeiros exames, inclusive. Você sentiu medo? A sua família ou você sentiram medo?

RM – Mais ou menos. Porque como a gente tinha pouca informação... Medo, medo, medo, não. As pessoas do entorno, eu acho que ficaram com mais medo do que eu. Na época eu tinha uma namorada que é médica, e que me acompanhou à distância, mas me monitorou muito de perto. Acho que isso também me deu uma segurança. E contei com uma rede de solidariedade: quase diariamente tinha alguma coisa na minha porta aqui me esperando, comida... Porque não podia sair de casa e as redes de supermercado ainda não tinham se organizado também. Então, não se conseguia entregas para o mesmo dia. Não sei se vocês lembram disso. Depois que essas coisas começaram a normalizar. Mas medo, medo eu não senti, não. Talvez alguns receios, porque eu sempre fui asmático, mas eu acho que esses quadros foram sendo construídos de forma mais concreta, algumas informações, um pouco mais à frente. Então a gente não tinha muita referência. A referência que a gente tinha era a seguinte: só vai para o hospital se você estiver numa situação muito grave. Essa era a orientação, que depois foi até revista. Como eu não tinha nenhum quadro que demonstrasse uma situação mais extrema, eu fui me mantendo de forma tranquila em casa e tentando administrar os sintomas, diminuir o desconforto que os sintomas... Naquela época não tinha nem aquela história do oxímetro ainda. Então, eu não sei nem como é que foi a minha oxigenação na época. De repente foi até bom para não entrar em pânico em alguns momentos que podiam ser piores. Mas medo mesmo, eu não cheguei a ter não.

KL – Rodrigo, eu lembro bem daquele dia, hein? [risos]

RM – Eu, você e o Wilson [Couto Borges], não é?

KL – Na sala, exatamente. Você falou um pouco desse impacto que a situação da pandemia, que era tão nova, teve nas atividades do ICICT. Como é que os laboratórios se reorganizaram nesse novo contexto? Porque isso trouxe uma mudança muito grande para a gente.

RM – O trabalho remoto foi um desafio, antes de mais nada, estrutural. Tinha gente que não tinha equipamento, tinha gente que tinha equipamento, tinha gente que não tinha internet boa em casa. Foi um primeiro impacto e as pessoas tiveram que se reorganizar. Algumas não tinham nem condições de fazer isso porque faltavam recursos, inclusive – terceirizados, pessoas que recebem salários mais baixos, que não têm o uso cotidiano de equipamentos. E a gente foi começando a se organizar aos poucos, começar a liberar os equipamentos. É uma situação que nos mobiliza até hoje, mas as coisas já estão mais azeitadas e a gente já consegue dar conta disso com mais tranquilidade. No início, são elementos organizativos que são novos. E as nossas estruturas, nossos laboratórios, as nossas subunidades, não estavam acostumadas a se organizar em rede, via internet. Algumas demoraram muito a se estruturar, outras muito rapidamente. Eu diria que os grupos de pesquisa, sobretudo, não tiveram grandes impactos, porque já tinham uma articulação própria. Atividades, principalmente na área de dados, foram muito rápidas. Perceberam muito rapidamente a importância, já estavam monitorando essa situação e algumas soluções vieram muito rápido – algumas foram demandadas de forma mais intensa, também. Eu lembro que, na comunicação, a equipe do Portal [Fiocruz] teve um impacto muito rápido, porque a necessidade de comunicar se mostrou logo no primeiro momento e foi se avolumando de uma tal forma, que foi criado até o Observatório [Covid-19, Fiocruz] para reunir toda essa produção diversificada – desde informação científica até informação para diversos públicos. Teve um impacto grande nas equipes, sem sombra de dúvida, mas alguns grupos já vinham se articulando e já tinham uma forma de articulação em rede que não necessitava do presencial, do contato físico, para se articular.

Na gestão, teve um impacto enorme. Principalmente no funcionamento do gabinete. Porque a gente trabalhava de forma muito intensa ali. A gente tem uma chefia de gabinete, duas secretárias, os vice-diretores. De repente, aquilo que a gente reunia em poucos minutos, a gente passou a ter uma dificuldade imensa. As demandas começaram a chegar direto. Algumas coisas é mais você resolver direto com as pessoas do que passar pela mediação da secretária ou da chefia de gabinete. Para a gente também o impacto foi enorme. Eu lembro que, nesse início – e eu acho que isso durou pelo menos 6 ou 7 meses – nós trabalhávamos, literalmente, sempre mais de 12 horas por dia, mas chegando a ter jornadas de 15 horas por dia. De não ter horário para determinadas coisas. De você ser solicitado de noite, quando você achava que estava liberado. Os espaços das casas também tiveram que ser adaptados. A gente ouviu relatos de muita complexidade. Porque eu, nesse caso, sou até privilegiado, porque eu moro sozinho, não tive que dividir o meu espaço com nenhuma situação. Nessa época os meus filhos não vinham aqui, evidentemente, por conta da doença. Então eu não tive que me adaptar muito. Mas a gente tem problemas, até hoje, de compartilhamento de equipamentos, de você não ter espaços em casa para acomodar filhos, homens e mulheres que moram juntos e que precisavam de espaços mais preservados para desenvolver as suas atividades. Como acompanhar os filhos nas suas atividades escolares. As tarefas domésticas, que também se tornaram permanentes, principalmente naquele início que a gente lavava realmente tudo, lavava roupa quando voltava de casa. No primeiro momento limpava o chão duas vezes por dia, com água sanitária. Foi um momento muito estressante para todos, que acabou gerando inclusive problemas grandes na área de saúde mental. Acho que vale esse registro, que é fundamental. A gente tem uma psicóloga dentro do nosso serviço de gestão do trabalho que está tendo uma atuação, desde o início, muito importante, no acompanhamento de diversos casos de pânico, de crises de ansiedade, depressão. Isso se multiplicou paulatinamente, com o avanço da pandemia, de uma forma muito intensa. Pessoas que tiveram que se afastar, afastamentos provisórios, afastamentos mais longos. O impacto disso até hoje é muito grande. Inclusive com pessoas pedindo para ir trabalhar presencialmente por não suportar mais o ambiente de confinamento em casa e de ter que compartilhar toda uma situação que as pessoas não estavam acostumadas, de ficar enfiadas em casa com seus parceiros e filhos, muitas vezes mais de um. Muitos com filhos pequenos, que dependiam da creche para trabalhar. E, ao mesmo tempo, eram pessoas que eram extremamente demandadas. Eu lembro sempre do relato da nossa assessoria de comunicação: as Ascoms [Assessorias de imprensa da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)] foram solicitadas desde o primeiro minuto. A CCS [Coordenação de Comunicação Social da Presidência da Fiocruz] também. Vale o registro: embora nós não façamos parte da CCS, a gente acompanhou e vem acompanhando esse sofrimento, o trabalho intenso e sem final de semana, sem hora. Porque tem a mediação. A mídia passou a solicitar muito intensamente especialistas para falar sobre a pandemia, sempre cobrando novidades, cobrando descobertas, críticas às políticas governamentais, etc. A própria Globo criou, logo de cara, um programa matinal enorme, a manhã inteira, que durou vários meses. Os pesquisadores da Fiocruz foram solicitados de forma muito intensa. E os nossos pesquisadores, principalmente aqueles que trabalham diretamente na produção de dados, já que essa foi uma fragilidade enorme desde o início da pandemia, com o governo maquiando, tentando maquiagem alguns dados e o fluxo de dados confusos, análises confusas. Nossos sistemas de monitoramento, não só do ICICT, mas também o InfoGripe, foram muito solicitados desde o início e as análises desses pesquisadores também eram solicitadas de forma permanente. A Ascom recebia telefonema à meia-noite, às 23 horas, pedindo para que o pesquisador entrasse no outro dia às 7 horas. Isso criou um nível de solicitação e de estresse nas equipes muito grande.

KL – Rodrigo, aproveitando que você tocou em vários aspectos de projetos e ações que o ICICT fez, queria que você falasse um pouquinho sobre um específico, que é o Monitora Covid-19. Como é que ele surgiu? Quando? Quais são os objetivos? Dá assim um pouco o painel do projeto, para a gente entender.

RM – Eu não vou saber te precisar exatamente quando ele começou, mas foi um projeto que, desde o início... são pesquisadores que já tem uma estrada enorme. Ali juntou uma grande experiência com uma capacidade enorme de trabalho de algumas pessoas mais novas, de algumas pessoas que tinham, inclusive, se incorporado há pouco tempo, no último concurso. Uma experiência grande em outros processos menores, intensos, como essa última crise sanitária de dengue e chikungunya. A gente já via alguns sinais que depois foram intensificados muito intensamente nesse episódio agora. Por exemplo: a solicitação permanente da imprensa, por dados, novidades, descobertas, já naquela crise era muito grande. Eu lembro de conversar com alguns pesquisadores, principalmente o pessoal do LIS [Laboratório de Informação em Saúde do ICICT/Fiocruz], o Christovam Barcellos principalmente, era muito solicitado: entradas no Fantástico, no Jornal Nacional, as requisições eram muito grandes. A gente já tinha uma *expertise*, o LIS já tem muita experiência nessa estrada, o trabalho com *big data* também já tinha avançado bastante. Rapidamente alguns canais foram interligados e o Monitora surgiu muito dessa união de *expertises* que o instituto já vinha construindo. Rapidamente também, a gente viu o impacto. A produção de dados, as análises que foram possíveis de serem feitas. Num momento em que o próprio governo... Embora naquela época o Ministério tivesse uma parceria até mais forte nesses aspectos e tal. A solicitação de dados e de análises surgiram e os pesquisadores foram muito prestativos e deram conta. Não à toa, em vários meses, pesquisadores ligados ao Monitora entraram na lista dos maiores porta-vozes da Fiocruz na mídia. Teve uma empresa de acompanhamento que fez esse registro,² Simone, apresentado em CD em vários momentos. Christóvam e Diego [Ricardo Xavier] figuraram vários meses entre os principais porta-vozes da Fiocruz, comentando, falando sobre os dados produzidos e as análises sobre cruzamento [de dados]. Eles também fizeram um trabalho muito intenso cruzando dados públicos, dados fornecidos de mobilidade, dados produzidos pelos sistemas de informação do próprio SUS, com dados que nós já tínhamos no nosso sistema. E começaram a produzir informações muito valiosas para esse início da pandemia, sugerindo medidas mais efetivas de distanciamento físico sobre atividades específicas como as escolas, que sempre permearam grandes polêmicas. Foi um trabalho muito importante, ao ponto de a gente inclusive ser agraciado com o prêmio da ENAP [Escola Nacional de Administração Pública]. A ENAP lançou um edital, logo nos primeiros meses, para exatamente premiar iniciativas inovadoras no enfrentamento à pandemia. Nós acabamos entrando neste edital e fomos premiados, o Monitora foi reconhecido como um dos principais projetos de inovação e de enfrentamento na pandemia. O Monitora é hoje muito reconhecido, muito solicitado ainda e a gente tem muito orgulho disso.

SK – Rodrigo, essa questão dos dados sempre foi central, continua sendo. Você mencionou, no início, o Ministério da Saúde. Isso foi um aspecto muito valorizado pela sociedade naquele início, que eram aquelas entrevistas coletivas que o ministro da Saúde Mandetta [Luiz Henrique] fazia. Eu me lembro das pessoas comentando que aquilo dava uma segurança, porque dava uma ideia de um acompanhamento diário dos dados e do que

² MAP (Mapeamento Análise e Perspectiva), que prestou consultoria à Fiocruz no mapeamento do impacto da instituição na mídia.

estava acontecendo. O Monitora Covid produzia que tipo de dados? Como é que era a articulação disso, na dinâmica cotidiana? Como isso funcionava do ponto de vista da montagem da produção desses dados? Junto com essa pergunta, eu queria te ouvir também se isso de alguma maneira se relacionou com a criação do Observatório Covid-19, da Fiocruz, que é outra fonte muito importante na produção de dados. Inclusive o Observatório se chama “Informação para a ação”, que é um título que eu acho que fala bem disso, dessa importância da produção de informações e dados confiáveis para a população. Como é que era a dinâmica de produção desses dados?

RM – Não vou saber precisar, porque, como não é a minha área e a gente estava fazendo muita coisa, eu nunca me aprofundei totalmente nesse processo do Monitora. Eu sei que eles trabalhavam com uma rede muito grande de produção de dados e de captação de dados. Existem, inclusive, grupos na sociedade civil que trabalham há muito tempo e são parceiros, dentro dessa ideia dos dados abertos, da necessidade do Estado fornecer dados para a sociedade, discutir políticas públicas e ajudar a formular e indicar prioridades. Tem um grupo, principalmente Brasil.Io, que foi muito importante essa parceria. Eles produziam dados, captavam dados. Eles começaram a captar dados das secretarias diretamente – eu sei que teve parceria com *Google*, com *Waze*, pegando dados. Inclusive, eles fornecem dados abertos de mobilidade que, no início, foram muito importantes para mostrar como estavam se efetivando ou não as políticas de afastamento social – as regiões onde você tinha uma maior concentração de mobilidade, de circulação de pessoas. Então, foram processados vários dados com outros dados que já fazem parte das bases de dados do SUS. Essa dificuldade dos dados é importante, porque produziu também uma necessidade da mídia, que criou um consórcio para acompanhar. É bom demarcar isso, porque a mídia começa a entender a importância não só dos dados de forma mais intensa, mas a necessidade de montar sistemas que te propiciam análises e de analisar esses dados de forma mais intensa. Esse profissional que trabalha diretamente com essa engenharia passou a ser requisitado também pelas grandes empresas de mídia. E o próprio CONASS [Conselho Nacional de Secretários de Saúde] também sentiu necessidade, principalmente com a saída do Mandetta – que eu acho que foi um corte aí que você mencionou, as entrevistas coletivas, de fato, eram importantes nesse acompanhamento. Era ali que se forneciam inclusive os dados noticiados no Jornal Nacional. E uma das orientações do governo era exatamente quebrar esse impacto, modificando o horário de divulgação, depois mudando a fórmula de cálculo e tudo o que a gente acompanhou. Então esses outros sistemas de monitoramento passaram a ter uma importância enorme. O do CONASS é o que eu, por exemplo, visito quase que diariamente para ver, porque tem as informações diretas das Secretarias. Mas ainda na época do Mandetta, alguns dados vinham diretamente para a Fiocruz, principalmente para o InfoGripe, diretamente do Ministério. A gente trabalhava com várias redes alternativas, já que esse problema do acesso ao dado científico sempre foi uma questão complexa e difícil. E talvez isso demonstre muito a limitação do caráter democrático do nosso Estado. O acesso à informação, que deveria ser público, nunca foi totalmente público. Algumas informações, a gente sempre teve dificuldade. Essa sempre foi uma questão que sempre foi colocada como fundamental e, como tudo, durante a pandemia, se mostrou de forma mais clara, de forma mais crucial. Mas esse cotidiano do trabalho deles eu não vou saber te precisar. Talvez ouvir a Mônica [de Avelar Figueiredo Mafra Magalhães] ou o próprio Christovam. O Christovam, eu acho que é uma pessoa importante para vocês ouvirem.

SK – Está na nossa lista.

RM – Porque ele também participou dessa articulação do Observatório. Eu acho que a Presidência teve enormes méritos em várias ações. Não vou citar aqui todas, porque seria redundante, mas ela foi muito rápida também em montar essa sala de situação, em perceber a importância de várias ações simultâneas. A ideia do Observatório foi também muito rápida, e isso foi um desafio enorme. Tanto o Monitora Covid como o InfoGripe, principalmente, mas também outros grupos de pesquisa da Fiocruz que já estavam produzindo análises e indicadores mais específicos, foram fundamentais, porque principalmente a imprensa começou a sinalizar e a gente foi vendo o quanto a nossa dinâmica enquanto instituição de pesquisa não era favorável à dinâmica da mídia e a própria necessidade da sociedade de ter informações, talvez, mais precisas. Os grupos de pesquisa trabalhavam com vieses diferentes, com dinâmicas diferentes, com metodologias diferentes, muitas vezes cruzando dados diferentes e, muitas vezes, as análises, os dados, não batiam muito. Eles tinham algum nível de divergência e a gente era muito questionado em relação a isso, principalmente porque a mídia queria soluções, respostas prontas. “Qual é a posição da Fiocruz frente a isso?” E não tinha nenhuma posição da Fiocruz em relação a todos os temas, tinha diversas posições, dado exatamente ao acúmulo, à formação e às metodologias, todo esse complexo cenário que é da pesquisa em uma instituição diversa como é a Fiocruz – o que para nós é um valor, não é um problema. Isso foi apresentado como um problema. Como você concilia não “censurar” os pesquisadores e, ao mesmo tempo, apresentar dados mais unificados, uma visão mais unificada, uma posição mais institucional frente aos grandes desafios. Já que a autoridade do Ministério já não era mais considerada confiável, esse papel de autoridade decisiva foi recaindo sobre as instituições de pesquisa, e a Fiocruz cumprindo um papel de vanguarda nisso, inclusive. Fomos acionados inúmeras vezes pela Justiça, por prefeituras, por estados, para nos posicionar em relação a políticas locais, por exemplo, de distanciamento ou de abertura ou não de escolas, de comércios e tudo mais. Sobre a importância do Observatório: o Observatório, para a gente, foi um desafio sob vários aspectos. Primeiro, porque ele foi a transformação. Principalmente porque ele precisava de mudanças cotidianas para incorporar novas tipologias de informação e mais informação. Essas informações começaram a surgir dentro do Portal em uma demanda enorme e a gente sabe que um portal não se reorganiza, não se reestrutura de uma hora para a outra. A gente teve que trocar as rodas e os pneus com o carro andando – e andando em uma velocidade muito grande. A informação começou a aparecer de forma muito desorganizada dentro do Portal, porque: “Oh, tem que colocar isso hoje”. Aí, começava a ter determinadas subáreas que precisavam de áreas específicas dentro do Portal. Aos poucos o que se tornou uma sala de situação e um grupo que começava a discutir a unificação dessas ações começou a se configurar em um Observatório que precisava ter, dentro do portal, elementos de comunicação com jornalistas, com a sociedade, com outros pesquisadores. Começaram a ser produzidas muitas notas técnicas. Então, ali no Observatório você tinha informação para todos os tipos de público, para a troca de pesquisadores da própria instituição, da troca com pesquisadores em outras instituições, informações para a mídia, informações para o cidadão que procurava a instituição para se informar diretamente. Começou a ter a produção de vários tipos de materiais para esses diversos públicos e o Observatório foi, enquanto instrumento de comunicação, se adaptando e se reestruturando a cada dia, e se repensando de acordo com o aumento dessas necessidades. De passar a ter alguns espaços mais robustos para o audiovisual. A própria infraestrutura teve que ser reforçada, para que a gente se precavesse em relação a possíveis invasões, aos portais de uma forma geral, mas sempre ao Portal Fiocruz. Ao mesmo tempo, a infraestrutura começou a ser reforçada, porque o aumento de acessos simultâneos é um problema que muitas vezes derruba os sites. A gente precisou reforçar também a infraestrutura nesse aspecto. Em

alguns momentos, a gente começou a perceber a queda do Portal. E um número que eu acho que é importante, e que outro dia a gente sistematizou, é que de março de 2019 a março de 2021 a gente teve um aumento de 700% nas visitas ao Portal Fiocruz. Tem números importantes, eu posso até abrir aqui. Outro dia teve uma audiência pública na Câmara sobre um projeto de *fake news* e eu apresentei um pouco a dinâmica da Fiocruz nesse processo. O Portal até esse momento tinha tido alguns picos, normalmente em crises sanitárias ou em épocas de concurso público, que eram os grandes picos das pessoas buscando informações no portal. E a pandemia faz a gente superar todos esses picos. E o outro desafio: começaram a chegar muitas mensagens, muitas perguntas pela ferramenta do “Fale Conosco”. Muitas dúvidas da população, que estava insegura. Imagina que as pessoas que podiam dar as melhores respostas, ao mesmo tempo, eram as pessoas que estavam sendo mais solicitadas no avanço de algumas análises, de algumas pesquisas. Eram solicitadas cotidianamente para falar com a mídia. Eram pessoas que não conseguiam mais dar conta desse dia com 24 horas, onde você precisava comer, descansar e dar atenção à sua família. Então, foi um desafio enorme. E também um desafio na produção dessas informações. Os nossos grupos de pesquisas também, trabalhando em outras pesquisas importantes, começando a produzir dados importantes, chamando a atenção para aspectos específicos e importantes. Seja, por exemplo, pegando a temática do idoso na pandemia, sobre a qualidade de vida, sobre o uso de drogas durante a pandemia. Todas as áreas de pesquisa começaram a se debruçar sobre o uso das informações científicas, da produção científica que estava disponível, sobre a própria comunicação, sobre as ações de grupos que começavam a se formar, por exemplo, em áreas vulneráveis como as favelas – aqui cabe um capítulo à parte também. Um capítulo muito intenso, de muita inovação e de muita importância da atuação da Fiocruz. Nós participamos de vários desses processos e de vários processos de análises de produção de informação, de notas técnicas, que também alimentaram esse Observatório, que eu acho que se consolidou como um grande instrumento e uma grande experiência da Fiocruz, para o futuro da instituição, de a gente conseguir se organizar e trabalhar mais em rede. Se é verdade que a dinâmica de uma instituição científica não cabe dentro da ideia de um porta-voz, de uma única visão sobre um fenômeno que está acontecendo e que surgem informações novas a todo o momento, por outro lado também demonstra a necessidade de a gente trabalhar mais em rede, de forma mais articulada – e não cada um isolado com os seus grupos de pesquisa. Depois, várias outras áreas foram se demonstrando importantes. A área genômica também tem se mostrado importante. Esse trabalho em rede de vários grupos da Fiocruz, em vários estados, fazendo análises dessas novas variantes. São todas informações muito importantes e que foram mostrando outras necessidades de comunicação, em outros espaços virtuais, também para comunicar. As vacinas... Cada momento foi criando uma demanda muito grande. E o ICICT, só para finalizar esse raciocínio, ICICT foi muito demandado exatamente – sem querer puxar a brasa para a nossa sardinha – por essa questão da comunicação e da informação, são questões muito intensas para a pandemia. É uma pandemia marcadamente sobre aspectos informacionais e comunicacionais. Eu diria que a informação é o nosso IFA, né? É o nosso elemento básico de atuação da Fiocruz em todas as áreas, desde a comunicação até a produção de vacinas, ao ensino. Todas as áreas.

SK – Eu adorei essa frase: “A informação é o nosso IFA”. Perfeito. Você falou da questão dos porta vozes, esse é o termo que a empresa MAP [Mapamento, Análise e Perspectiva], que está prestando consultoria para a Fiocruz, usa.

RM – Exato, exato.

SK – Que ela vem usando muito, essa empresa que vem acompanhando, inclusive. Você falou da questão dos porta-vozes, essa exposição dos porta-vozes na sociedade. E você mencionou esse desafio de ao mesmo tempo representar a Fiocruz, de ser um porta-voz da Fiocruz entre tantas vozes. A própria dinâmica da ciência, e você falou da ciência em rede, da produção em rede, traz muitas vozes. Tem que construir esse equilíbrio entre a dinâmica da própria ciência, dessa produção de informação e essa expectativa da sociedade de ouvir e de ter uma fonte de informação que de alguma maneira unifique isso. Como você vê esse desafio de produzir esse IFA, de produzir essa informação de qualidade, confiável, em uma era marcada pela desinformação, pelo projeto negacionista de produção de desinformação? Como é que vocês lidam com isso e como vocês processam o retorno da sociedade?

RM – Essa é uma pergunta super difícil. Primeiro assim, só para demarcar, eu acho que a informação sempre foi o nosso IFA, só que agora a gente percebeu isso de forma mais intensa. E esse termo IFA, essa analogia também, pela importância que o IFA tem nesse processo todo, sublinhar a importância da informação em todos esses processos. Essa questão da desinformação, eu acho que a gente ainda não aprendeu a lidar com ela, até porque é um elemento, digamos assim... Eu vou falar coisas aqui que ainda estão em processo de reflexão. Ainda no passado, o professor Antônio Fausto Neto, um professor da área de comunicação, começou a fazer umas entrevistas sobre a pandemia e me pegou de surpresa com várias perguntas dessas que a gente ainda não tinha elaborado e a gente ainda está elaborando isso – não é, Katia? Eu acho que é um processo muito complicado, mas as pessoas têm uma expectativa de que a comunicação seja a resposta ao processo de desinformação. Só que esse processo de desinformação é muito mais amplo. Não existe uma vacina comunicacional que seja mais eficiente ou menos eficiente para lidar com esse cenário. Claro, você pode ter sempre uma comunicação mais eficiente, mas ela não necessariamente vai ser o antídoto a esses elementos que compõem a desinformação. É um grande desafio para a sociedade – tem muita gente debruçada sobre esse tema e estudando esses processos. E são processos que lidam com crenças, com outros elementos, com autoridades, com construções políticas que perpassam, que vão muito além da comunicação. São processos que você não resolve somente com a comunicação. A própria mensuração disso nem sempre é possível, porque muitas vezes esse processo ocorre em redes fechadas. Você consegue monitorar e tem muitos instrumentos tecnológicos, pesquisadores que têm pesquisas muito avançadas em relação a isso em redes sociais abertas, mas em redes fechadas, como o *WhatsApp* por exemplo, você depende de conseguir penetrar para monitorar. E nem sempre isso é fácil, até porque são muitas redes, muitas subredes que se interligam, muitas são espontâneas e muitas não, que irrigam todos esses processos. E todas essas redes são alimentadas por vídeos, por notícias falsas. Há uma geração planejada de desinformação também, que subsidia esse fluxo intenso de distribuição e de compartilhamento dessas *fake news*. A própria instituição tem muito pouca capacidade de responder a essas demandas. Como fazemos parte do governo, nós só podemos ir a um determinado ponto. Combater crenças, visões políticas, a gente acaba tendo uma certa limitação de entrar em alguns debates, principalmente no momento delicado da vida política e sanitária do país onde isso poderia inclusive comprometer algumas ações da própria Fiocruz. A intensidade dessas mensagens nas redes sociais acontece de uma maneira que você não consegue combater, não consegue dar respostas a tudo e, nem sempre, essas respostas são suficientes para combater. Você consegue combater quando você pega um cidadão que está em dúvida entre uma visão e outra, mas quando você tem um cidadão que já está ganho para um

sistema de crenças e que notícias são produzidas para fortalecer cada vez mais essas crenças, é muito difícil você furar essas bolhas, como nós dizemos. Nós tivemos e temos até hoje. Não que a Fiocruz não tenha lidado com isso. A gente tem monitoramentos, tem projetos que monitoram isso, e nós temos praticamente em todas, ou em boa parte das unidades da Fiocruz que lidam diretamente com informações que têm impacto na sociedade, principalmente na pandemia, combatido de alguma forma a desinformação. Mas é muito difícil. É muito difícil. Claro, a gente percebe muitos avanços. A Margareth Dalcolmo se tornou uma grande porta-voz da Fiocruz, com grande empatia da população, querida pelos jornalistas e tudo o mais. Então, ela passa a ser uma pessoa estratégica para fornecer... e também consegue levar algumas informações com uma linguagem mais fácil para a população. Você começa a explorar mais a imagem dessas pessoas. Começa a lidar em um diálogo mais intenso com alguns setores da sociedade para produzir informações que tenham, em formas de comunicação, que dialoguem com alguns públicos também mais diretos. Essa comunicação, principalmente com as favelas, a gente tem muitos exemplos importantes, quando a Fiocruz faz a opção de uma prática que foi muito mais eficiente do que se ela tivesse produzido os seus próprios materiais para lidar com esse público. O material da campanha “Se liga no Corona” foi produzido em parceria com grupos de comunicadores populares, com grupos de solidariedade que se formaram dentro dessas favelas. O que não significa que o êxito tenha sido total. Esses sistemas de crenças e a impossibilidade dessas pessoas também poderem seguir alguns receituários que eram amplamente divulgados para toda a sociedade. *Home office*, distanciamento social, isolamento dentro de casa de pessoas que tinham sintomas, nada disso dialogava com a realidade efetiva deles. Então a falta principalmente de ações governamentais no apoio a essas áreas mais vulneráveis, uma rede social de amparo desses grupos, talvez tenha sido um dos fatores que mais dificultou você criar uma base sólida para uma comunicação que não conseguia dialogar com a realidade efetiva dessas pessoas. Muitos autônomos que, para ficar em casa, acabavam tendo uma dificuldade econômica para a própria sobrevivência daquela família. Não tinha uma situação objetiva que dialogasse com... essa é uma questão muito complexa, mas que eu não acho que seja um problema da Comunicação. Eu acho que melhorei a resposta, muito mais em relação à pergunta do ano passado, mas ela ainda carece. Tem pesquisadores que estão refletindo mais intensamente sobre isso e que têm condições de aprofundar mais essa resposta. Mas eu diria que a resposta é mais ou menos essa. Não é um problema da comunicação, é um problema muito mais amplo da sociedade, de estar interferindo em outros processos, eleitorais e questões políticas – não só no Brasil, mas no resto do mundo – e que não vai ser resolvido na pandemia, especificamente sobre crenças em vacinas e a conduta durante esse processo.

KL – Rodrigo, queria voltar ao ponto dessa relação que o Portal, ou do próprio Observatório da Covid-19 tem, de estabelecer relação, diálogo com a sociedade. Você falou muito da demanda e do impacto que isso tem nos grandes veículos, na sociedade. E eu queria puxar um fiozinho em relação a essa relação com o próprio Ministério da Saúde. Pensando que a própria missão do ICICT é dar subsídios para formulação de políticas públicas, como é esse conhecimento que tem sido produzido pelo ICICT? Ele tem dialogado, tem subsidiado, ou não, a formulação de políticas? Como é que a gente pode pensar nisso?

RM – É uma boa pergunta. Essa pergunta vai ser respondida, talvez, de forma mais coletiva, quando a gente parar para analisar retroativamente os impactos à instituição. Talvez, desenvolvendo projetos que possam dar visibilidade ao que realmente virou

política – vou considerar política inclusive ações, locais, e em períodos mais curtos, também. Vivemos pequenas políticas, diferentes, nesse pouco mais de um ano e meio em que estamos nesse processo. Em um primeiro momento havia um diálogo maior com o Ministério da Saúde. Então havia, de fato, uma influência maior dessas análises que estavam sendo produzidas pela Fiocruz. Eu acho que a política relacionada à vacina, no que se refere às possibilidades de atuação da Fiocruz. Eu acho que a Fiocruz teve uma influência importante na definição governamental, no investimento em uma vacina e em parceria com Oxford e com a AstraZeneca e tudo mais; não com o restante, porque a gente está vendo agora na CPI [da covid] que a estratégia do governo tinha uma outra face. Mas eu acho que a Fiocruz teve uma importância, conseguiu apresentar para o governo uma opção que tem se mostrado correta, um investimento correto, uma aposta correta em um tipo de vacina. Uma vacina barata que nós éramos capazes de reproduzir e, em um dado momento, inclusive transferir tecnologia para a produção do próprio IFA aqui no Brasil. A grande influência acaba sendo em políticas locais e em um diálogo inclusive com secretarias, prefeituras e governos, que acabaram tendo a visão da ciência e das instituições científicas como um norte para as suas decisões. Muitas decisões foram tomadas, mas eu diria que mais de forma mais localizada em estados e municípios do que necessariamente nacionais. Tem algumas influências nacionais, evidentemente, mas principalmente quando isso interessou também ao governo e não entrou tanto em embate com algumas convicções que precisavam ser reafirmadas. A Fiocruz sempre foi uma pauta positiva para o Ministério. Vincular a imagem da Fiocruz sempre foi um ponto positivo para o Ministério. Então, contradizer a Fiocruz também não era uma ideia boa para o Ministério. Andar nesse fio da navalha, tanto para nós quanto para eles, foi um desafio importante. Eu acho que a Fiocruz conseguiu influenciar políticas locais de forma mais intensa, sabendo que essas definições se davam em uma arena complexa, onde os interesses econômicos, entre outras necessidades, outros atores, também participaram, cada qual com a sua visão e com as suas necessidades, na interferência dessas políticas. Então, a gente vê, muitas vezes, sinais invertidos. Muito se aponta em relação à prefeitura do Rio mesmo, que consegue avançar em algumas questões e que em outras tem uma posição totalmente contraditória, como, por exemplo, permitir público na final da Copa América, permitir jogos da própria Copa América no Rio de Janeiro. Todos os dados que já foram sistematizados da Copa América demonstraram o quanto isso foi um equívoco, embora o Ministério tenha produzido materiais de comunicação para afirmar ao contrário. O número de contágios, a possibilidade de entrada de novas variantes, tudo isso e as próprias imagens da final demonstram o quanto foi um equívoco. Então, a prefeitura acerta em algumas medidas, mas concilia com outros setores, abre comércios, possibilita o uso de espaços públicos de forma muitas vezes contraditória às próprias recomendações da Prefeitura. Mas como eu disse, essas questões são definidas em uma arena múltipla, com diversos atores, onde a ciência fala, mas a decisão do gestor acaba levando em conta outros elementos de pressão, embora eles digam que sempre a ciência está por trás dessas decisões. A Fiocruz esteve por trás de muitas decisões importantes. Ou esteve por trás, ou contribuiu com essas decisões. Momentos chave como, por exemplo, abertura das escolas, quando começou-se a ter uma pressão, em um primeiro momento, para a grande abertura das escolas, se produziram rapidamente dados concretos, análises, notas técnicas para demonstrar que isso seria um equívoco. Em muitos momentos a Fiocruz também foi provocada por tentativas de efetivação de políticas equivocadas; em muitos momentos influenciou e outros não conseguiu influenciar devido à complexidade de todos esses fatores. Mas agora a gente também foi chamado a responder muitas solicitações da justiça: o Ministério Público, que era solicitado a intervir em determinado município, em determinada política, determinada decisão de prefeituras; juízes também, demandando da

Fiocruz informações para tomadas de decisão. Uma coisa extremamente complicada, porque são decisões complexas e que você não produz, muitas vezes, no tempo que eles colocavam como limite para essas solicitações. Mas não tivemos poucos, via Ouvidoria. O próprio ICICT recebeu vários, até porque essas demandas nem sempre chegam centralizadas da Presidência; muitas vezes elas são direcionadas a pesquisadores que foram identificados como porta-vozes.

KL – Você participou recentemente de uma audiência pública. Poderia falar um pouquinho sobre isso?

RM – Tem um projeto de lei, tramitando na Câmara já há algum tempo, com o objetivo de criar uma legislação para coibir a desinformação que circula pela rede. Tem esse objetivo, embora muitos atores achem que ela não é eficaz, até porque toda vez que você tenta criar uma legislação para coibir crimes na rede, são crimes que normalmente são cometidos fora da rede. O problema da desinformação não é um problema que surgiu com a internet. Ele pode ter se intensificado, ter multiplicado as formas, principalmente de divulgação, mas a gente sabe que a própria grande mídia, que acaba dizendo que o jornalismo profissional é o maior antídoto contra a desinformação, muitas vezes é quem cria e propaga informações falsas, equivocadas e que tem grandes impactos na sociedade. Esse projeto vem sendo debatido nessa direção. Querem criar mecanismos para dificultar a propagação de desinformação na rede e, esse ano, evidentemente, com a pandemia, esse tema voltou à pauta. Esse projeto não foi aprovado ainda, tentaram botar em pauta, em urgência, e mais recentemente foi feita uma audiência para discutir dentro do cenário da pandemia. Eu diria que foi uma audiência até interessante, porque às vezes eles chamam a gente com uma intenção e a intenção acaba não se confirmando. Por exemplo: você trazer uma instituição de pesquisa que lida contra a desinformação na rede trazendo dados e elementos teoricamente fortalece a ideia de um projeto de lei como esse. Só que nós temos uma visão crítica também, porque lidamos e apoiamos outras políticas que trabalham com a ideia do direito à informação, do direito à comunicação, do direito à privacidade, de proteção de dados e de liberdade de expressão, que entram totalmente em conflito com propostas que estão dentro desse projeto de lei. Na verdade, quem foi chamado foi até a Presidência, que solicitou que o ICICT representasse a Fiocruz nesse debate. Eu até procurei me restringir muito aos dados sobre a pandemia, algumas ideias, algumas definições em que a Fiocruz já se manifestou, mas também tomando um certo cuidado porque é um terreno extremamente pantanoso. Claro, outros atores da sociedade civil puderam falar com maior desenvoltura sobre alguns aspectos. A Associação Nacional de Jornais (ANJ) estava presente, defendeu essa tese estapafúrdia de que o maior antídoto é confiar no jornalismo profissional, como eles dizem. Mas foi um debate bastante interessante, onde a gente pode levar o que a Fiocruz tem feito na ampliação do debate e colocando claramente que coibir o debate público, a liberdade de expressão, entrar.... O projeto tem algumas aberrações do tipo: você tem que se cadastrar. Para usar a rede você tem que criar mil cadastros com milhões de informações. As suas informações de navegação são todas registradas. É um sistema de monitoramento da sociedade que não vai coibir a desinformação e, na prática, vai criar sistemas de controle, que tem outras intenções por trás. O que a gente mostrou, com várias outras instituições que fortaleceram essa ideia, é que o problema é muito mais complexo e não se resolve de uma hora para a outra. Você tem que ter, primeiro, o fortalecimento de uma estrutura educacional, de processos educacionais que incorporem também... muitos países e algumas escolas já começam a ter isso aqui no Brasil, de uma educação para a mídia, uma leitura, uma literacia, de você ter uma educação em que você aprenda a ler as informações e não

acreditar, necessariamente. Ter um cuidado com a informação que é passada, ter opinião própria. Esse debate seguiu mais ou menos nessa direção. Eles queriam ouvir uma posição da ciência – só que nós levamos a posição de uma instituição que tem a comunicação também como área finalística, com uma pauta intensa – e essas outras reflexões também pautaram esse debate. Então nós somos convidados, de vez em quando, para falar sobre esses temas.

EC – Rodrigo, em relação a esse debate e a essa audiência pública de que você participou. Nesse contexto da pandemia, de um processo de desinformação e, paralelamente, um processo de produção maciça de informações – que alguns vêm até a chamar de infodemia – por conta de problema estruturais de educação, a população tem essa dificuldade de filtragem das informações, como você acabou de citar. Como é que você vê a proposta ou a ideia da criação de um plano nacional de comunicação ou de um projeto que seja voltado para uma comunicação unificada nesses contextos, principalmente de emergências sanitárias, tanto em relação à covid, como em emergências futuras?

RM – Eu tenho ouvido muito essa ideia. Quem fala muito disso é o Temporão [José Gomes]. O Temporão tem falado isso em entrevistas, inclusive. E eu acho que ele tem razão. Em outros países, onde você tem uma comunicação pública mais estruturada, onde você tem governos que aderiram mais claramente, desde o início, às orientações das instituições científicas, você teve um alinhamento maior dos meios de comunicação e das instituições, das falas governamentais; certamente teve maior êxito nesse combate à pandemia, no combate à desinformação. O problema é que esse problema da desinformação está interligado em rede, não é um problema isolado de um país ou outro, essas redes se cruzam. Então você não tem um controle muito grande, tem muitas posições dúbias. Eu diria que autoridade é um elemento central nessa comunicação. As pessoas, até na própria audiência pública, falaram; algumas instituições – eu não podia falar isso – mas outras falaram. Como é que você vai aplicar uma lei de produção de desinformação onde o próprio Presidente da República faz uma live periódica produzindo desinformação e produzindo *fake news*? Não há como você coibir esse processo de desinformação. Você consegue coibir uma questão ou outra quando vai para outro terreno, quando vai para o terreno penal, quando há ameaças ao Supremo – o Supremo vai lá e toma algumas medidas mais fortes que vão na direção de coibir a desinformação, mas você tem um sistema de autoridade que não permite a construção de uma política nacional de comunicação. Eu acredito que se a gente tivesse um pacto... de certa forma houve um pacto da grande mídia com as instituições de pesquisa da área da Saúde, alguns governos locais, estaduais e municipais. Acho que houve um pacto. Existem conversas de bastidores, muitas delas a gente nem sabe, outras a gente sabe. Há conversas em relação a isso, há pactos. Há medidas articuladas. A Fiocruz recebeu recursos e interagiu com instituições privadas do sistema financeiro que financiou várias iniciativas importantes, que se interessou em investir na área da vacina, que se interessou em investir em um centro hospitalar, em centros de testagem. Há uma interação da sociedade civil em relação às medidas concretas e medidas que têm um impacto na base real da sociedade – que é quem produz os sistemas de informação e desinformação. Seria muito importante – embora não impediria a circulação da desinformação – que a gente deixasse de caracterizar esse momento como problema da infodemia. Na Inglaterra, a gente teve sinais trocados logo lá no início, um descrédito do próprio poder central e que, parece, está se reproduzindo de novo. Ao mesmo tempo, você tem um sistema público com uma atuação intensa e fundamental, como aqui no Brasil, e com reconhecimento enorme. A gente viu eventos agora em Wimbledon que bateram palmas na final para o cientista que

estava presente, de Oxford. Todos os times da *Premier League* utilizaram no retorno o símbolo do sistema público inglês na camisa, dentro de um coração. Aqui não, aqui a gente teve alguns apoios. Aqui a gente teve o Bahia, que fez uma camisa em apoio ao SUS. Mas esse reconhecimento ainda é menor. Eu acho que uma política nacional seria muito benéfica. Um grande pacto nacional seria muito benéfico, embora não impedisse a circulação das *fake news* e esse cenário de desinformação.

SK – Rodrigo, nessa perspectiva que você falou da dificuldade de unificar a comunicação, unificar a informação, você falou uma palavra central, uma ideia que me parece central, que é essa ideia de autoridade, de como é que se constrói a autoridade. Na verdade, como é que se constrói credibilidade a partir de autoridades já reconhecidas e de autoridades que vão se fortalecendo nesse processo – que é o caso da Fiocruz –, que naturalmente já tinham muita credibilidade, mas que com essa visibilidade na mídia, na sociedade de modo geral, tem isso reforçado. Voltando até a falar dessa questão das múltiplas vozes. Como vocês lidam com essa expectativa enorme que a população deposita na Fiocruz, até por falta de campanhas unificadas do próprio Ministério da Saúde? Nós não temos uma campanha clara de vacinação. Tem até algumas iniciativas mais recentes, mas não se compara com as campanhas históricas de mobilização da sociedade para a vacinação, do Plano Nacional de Imunizações (PNI). Como é que vocês lidam com essa credibilidade da Fiocruz, em uma instituição que também lida com espaços diferentes de comunicação? Se você pensar, por exemplo, o Portal Fiocruz, a própria CCS, as Ascoms das unidades, como é lidar com tantas vozes, inclusive internas, que também são muito segmentadas e têm lógicas muitas vezes diferentes?

RM – Essa é uma pergunta importante. E é uma resposta bem complexa. A Fiocruz tem um sistema de informação bem amplo hoje. A gente tem uma política de comunicação que reflete isso, inclusive. Trabalhando com conceitos, com ideias muito avançadas do ponto de vista de enxergar a comunicação nos seus aspectos relacionados à própria cidadania. A gente trabalha muito fortemente com a ideia de comunicação pública, o que nem sempre tem um alinhamento perfeito com a comunicação institucional. E a CCS e os sistemas de Ascom das unidades nem sempre estão totalmente azeitados. Então quando você vai ouvir Elisa [Andries], vai ouvir uma outra visão, mas você vai ouvir problemas relacionados a isso. Às vezes tem contradições de precisão em determinadas informações que algumas unidades produzem e que depois não vão para o Portal – são notícias que não vão para o Portal, não vão para a Agência Fiocruz de Notícias, pela imprecisão ou pelo tipo de abordagem, que pode gerar dúvidas. Então há um cuidado, eu diria que um fortalecimento, e aí não cabe uma crítica e nem um elogio, é uma análise. A comunicação institucional da Fiocruz cresceu muito nesse período e se empoderou muito em relação a outras formas de comunicação. O que é correto, porque é um momento de crise. Não pode ter informações dúbias. Isso entra até em contradição com a ideia de comunicação pública, porque nós temos alguns outros órgãos de informação, outras, como a revista *Radis*, como a revista do Politécnico [Escola Politécnica Joaquim Venâncio/Fiocruz] e outras iniciativas dentro da própria Fiocruz, o Canal Saúde, que não são instrumentos de comunicação institucional e estão muito mais relacionados à ideia de gerar um debate público, de gerar um debate no meio da saúde, mas também na sociedade. Se pegar a *Radis*, que tem uma tiragem imensa, e se você pegar dados com o Rogério [Lannes Rocha], você vai ver que ela chega em vários lugares do Brasil onde a própria internet não chega direito e aquelas pessoas não teriam acesso à *Radis* pela internet. Ela coloca pautas fundamentais para o próprio aprimoramento do SUS, faz críticas ao próprio SUS, até porque não existe um SUS único, não é? O SUS no município é um, em outro

município é outro, muitas vezes, porque a gestão é tripartite e a aplicação e a execução do SUS variam muito, em termos gerais e específicos. O Canal Saúde tem uma penetração grande também nos profissionais de saúde, nessas redes que são formadas ao longo do tempo. Então, você tem instrumentos muito positivos para gerar um debate público, de críticas às políticas de saúde, às ações governamentais, às ações da própria sociedade. A ideia dessa comunicação é o aprimoramento das políticas e das práticas de saúde e, em um momento como esse, é um momento extremamente delicado de você lidar com isso, com alguns desses instrumentos de comunicação que, normalmente, têm um viés de uma crítica mais contundente às políticas que hoje vão muito contrárias a todos os princípios que a gente sempre defendeu do SUS. Como lidar em um cenário pantanoso, um campo minado como esse, é um problema enorme. A gente tem que ser crítico, mas tem que analisar o fato real, a situação objetiva. A comunicação institucional hoje é uma referência, o que não quer dizer que a gente tenha que abandonar a ideia de comunicação pública, porque ela tem como viés muito forte ter a sociedade, ter a população, ter o público como referência. E disso a Fiocruz não está abrindo mão em hipótese alguma. Inclusive muitas vezes confrontando algumas posições. Mas esse posicionamento, essa forma de levar a comunicação para sociedade, está tendo que ser mais pensada de forma mais unificada. A gente tem um Fórum onde a gente discute, permanentemente, a aplicação da política de comunicação da Fiocruz. Tem a presença desses atores internos, a gente sempre faz uma análise de conjuntura para entender os momentos que a gente está vivendo, quais os temas mais importantes daquele momento, analisar como estão sendo tratados. Agora muito o tema da vacina, o impacto... por exemplo, um tema que a gente discutiu outro dia foi o impacto concreto desses fatores adversos com o uso da nossa vacina. Muitas pessoas passam mal, ficam dois, três dias. Algumas passam bastante mal. Como é que você lida com um dado como esse? São desafios com os quais a gente não está conseguindo lidar, porque a gama de elementos com que a gente tem que lidar no dia a dia é enorme! Primeiro eu acho que a gente está sendo obrigado a lidar com as nossas limitações, do nosso dia a dia, que são grandes. A gente tem muito profissional de comunicação na Fiocruz, mas em um momento como esse a gente vê que é insuficiente. São muitas demandas, muitas questões, tem um campo de divergência que a gente tem que lidar e tem a situação objetiva. Então, tem que azeitar isso. Eu acho que a gente está saindo muito bem. De uma forma geral, eu acho que a Fiocruz está lidando muito bem com a ideia de que nós precisamos de unidade, precisamos tratar com mais parcimônia as divergências e ter muita consciência do papel histórico que a Fiocruz tem e está exercendo nesse momento – isso tem um impacto concreto na comunicação também. Ouvir o outro, que você ouvia menos, tem sido uma regra. Procurar ouvir, de fato, e não ouvir só por ouvir e buscar caminhos comuns. Então são permanentes as conversas e a busca de soluções comuns, esse elemento está sempre nas nossas pautas e a própria direção do ICICT tem sido acionada de forma permanente para que a gente possa caminhar juntos nesse momento.

SK – Em relação a essas situações que são particularmente sensíveis no que diz respeito a essa limitação, de até onde se pode ir nessa comunicação pública, em que tudo é atravessado de uma maneira muito particular pela política, você menciona esse desafio de ir lidando com situações sensíveis. Como é que você lida com a dúvida – que, me parece, é um dos grandes desafios da ciência hoje – no meio de uma pandemia e num cenário em que você tem projeto negacionista realmente em curso? Não é de agora, mas agora com ameaças muito mais concretas. Você mencionou agora essa situação de como lidar com essa questão dos efeitos adversos para a população. Você se lembra de um

momento em que vocês realmente tiveram que quebrar a cabeça para ver como lidar com esse fio da navalha?

RM – Eu não tenho como responder à sua pergunta, porque quem tem um papel central nisso é a CCS. A CCS tem reuniões quase diárias com a Presidência e com as pessoas que coordenam as ações da Fiocruz nesse processo. Nós não temos acesso à determinadas informações, não fazemos parte dessas reuniões. Inclusive é uma crítica. Embora a gente entenda alguns aspectos, a gente tem cutucado o tempo inteiro dizendo: “Não dá para a gente coordenar um Portal Fiocruz e não participar de determinadas discussões”. Muitas vezes a CCS também tem um número pequeno de trabalhadores, não consegue fazer essa mediação nem com as Ascoms das unidades, nem com a gente, nem com o Canal Saúde, nem com a Radis e nem com o Poli [Escola Politécnica Joaquim Venâncio]. Essas reuniões acontecem uma vez por mês, elas nem têm um caráter decisório. Essas decisões acontecem, acho eu, até onde elas devem acontecer: no grupo que está coordenando as ações da Fiocruz. Não é hora de se colocar na frente, brigar por espaços. O que a gente aponta como elemento importante é que a ausência de atores importantes da comunicação nesses processos dificulta a própria execução mais alinhada da Fiocruz. Já aconteceu de receber telefonema tipo: “Tira tal conteúdo do ar”. Mas como assim, tira o conteúdo do ar? Por quê tira? É uma notícia que foi produzida por uma unidade da Fiocruz. A gente sempre trabalhou dessa forma. As unidades têm *expertises* diversas para melhor lidar com determinados temas. O Portal sempre fez um *pout pourri* de notícias produzidas pelas unidades, fez um filtro e pegou as mais importantes, as mais relevantes naquele momento, e trazia para o portal também, por ser um espaço múltiplo e importante para demonstrar o que as unidades fazem e os temas que eles trabalham. E a gente já ouviu algumas vezes: “Tira tal conteúdo do ar. Tira tal conteúdo do ar, porque a unidade abordou o tema de forma imprecisa”. Isso cria algumas arestas, cria uma hierarquização que não existia antes, cria alguns conflitos, mas eu diria que, hoje, a gente está mais acostumado e está lidando melhor com esse tipo de situação. Tentando criar uns fluxos, criando alguns atalhos para lidar com algumas situações e algum grau de objetividade também, embora essas ações estejam carregadas de contradições e de práticas anteriores, relacionadas à disputa de espaços de poder, etc. Embora se consiga lidar melhor, não se superou totalmente as práticas e os conflitos que existem em relação a essas questões. Esse aqui é um espaço importante para deixar gravado isso, porque esse não é um debate que a gente pode fazer de forma ampla. Eu não posso falar isso hoje externamente, mas internamente, para ser visto no futuro, eu acho que isso é uma questão que precisa ser registrada.

KL – Rodrigo, você está abordando os desafios, os limites e as contradições de produzir comunicação, no sentido de ações tanto em uma comunicação pública quanto em uma comunicação institucional. Esse é um movimento da Fiocruz para fora. Eu queria te perguntar sobre o reverso dessa moeda. A Fiocruz sempre foi um ator público de uma enorme relevância, e a pandemia, em certo sentido, traz uma visibilidade ainda maior. Eu queria que você falasse um pouco sobre como você percebe o impacto desse novo contexto da pandemia e desse lugar que a Fiocruz está tendo, de uma visibilidade em diferentes níveis, no novo contexto comunicacional, porque não apenas a pandemia traz esse deslocamento, mas o próprio cenário comunicacional acirra enormemente os espaços de visibilidade. Como você vê essa visibilidade da Fiocruz na sociedade, pelos diversos atores, nesse momento específico?

RM – Esses estudos da MAP [Mapeamento Análise e Perspectiva] nos dão algumas pistas importantes. Muito embora eu particularmente ache... Vou falar aqui porque eu acho que

é importante ficar registrado isso. Muitas vezes eu não me sinto nem à vontade de falar sobre isso no CD, porque há uma comemoração permanente sobre esses dados, que são sempre colocados de uma forma positiva e, digamos, incontestáveis. Voltando à história das autoridades, a mídia é uma grande autoridade. Estar na mídia, ter 100 porta-vozes na mídia durante um período, é a glória. É um reconhecimento enorme. Só que isso é uma parte da história, eu não estou negando isso. Eu não estou negando que esse reconhecimento é importante e não estou negando que hoje nós precisamos dessa aliança para chegar de forma mais contundente na população, mas isso é uma parte da história, não é o total dessa história, porque nós não conseguimos chegar em diversos públicos. Às vezes, um excesso de comemoração nesse aspecto nos faz não perceber outros aspectos importantes, que não estão sendo medidos. Por exemplo, se você entrar nos perfis da Fiocruz nas redes sociais você vai ver que a gente não recebe só elogios. A Simone já assistiu à apresentação da MAP, parece que nós somos o supra sumo do mundo, que podemos inclusive tirar a Presidência da República e botar a Nísia [Trindade] como Presidente da República e estão resolvido todos os problemas, entendeu? É quase isso. Eu estou exagerando, mas é para exagerar mesmo, porque é uma figura de linguagem, mas outros aspectos precisam ser enxergados. Hoje o que significa uma comunicação em rede, um sistema totalmente contraditório, onde a gente aponta que está perdendo muitas vezes a guerra da informação. Então, como assim, a gente só tem coisas a comemorar? Ao mesmo tempo, a gente não tem uma capacidade interna de ter respostas tão rápidas a outros elementos desse sistema que, talvez, a gente pudesse estar trabalhando de forma mais intensa – muito embora haja limitações em relação a isso. Existe um público que é totalmente ganho para um sistema de crenças, mas existem pessoas que a gente chamaria de “em disputa”, que foram as pessoas que definiram as últimas eleições, por exemplo. Diríamos que talvez, pegando as últimas pesquisas, a gente possa dizer que o número de pessoas, o percentual de pessoas que estão totalmente alinhadas a um sistema de crenças e alinhado ao governo vai ficar em torno dos 20% – talvez um pouco mais, talvez um pouco menos, em determinados momentos. Existe um outro público que está do outro lado e tem um público que ora está para cá, ora está para lá. E é esse o público que a gente precisa atingir. Você vai nas redes sociais e vê no “Fale Conosco”, em vários outros espaços você vê críticas à Fiocruz, informações, questionamentos. A nossa incapacidade de dar algumas respostas – o que não significa que seja um problema da Fiocruz. Também se cobra da Fiocruz, exatamente pela eficiência e pela importância dela, ações que são dela, são do governo, são do Ministério da Saúde. A Fiocruz, hoje, se mistura muito com o papel do Ministério da Saúde – e muitas vezes a gente não consegue dar essas respostas, que chegam de forma muito individualizadas. Embora a gente tenha o “Se liga no Corona” a gente não consegue entrar nas comunidades da forma com que a gente gostaria, entendeu? São iniciativas valorosas que têm resultados importantes – se não tivesse, os resultados seriam muito piores. Significam avanços, mas a gente não consegue dialogar da mesma forma com o que a gente gostaria, com todos esses públicos vulneráveis. São locais onde não há infraestrutura de internet que possibilitem informações de forma mais precisa e mais constante. A gente tem levantado a falta de comunicação e de acesso à comunicação como uma questão fundamental nessa pandemia, cada vez mais como parte dessa realidade, dessa base material, dessa infraestrutura material, que impossibilita também uma determinada compreensão desses modelos. Não sei se eu fui claro.

SK – Foi. Essa é uma questão muito importante de reflexão sobre a comunicação, que, na área da sociologia da ciência, da história da ciência, é a questão de como a gente lida com os dissensos, no que diz respeito à comunicação pública. É um enorme desafio, como você está dizendo. A gente tem essa imagem da Fiocruz como algo completamente

consensual. Por outro lado, a gente sabe que há – a gente vê isso do ponto de vista de certos grupos e de certos sistemas de crença, como você bem mencionou – reações e visões muito negativas. Eu acho muito interessante você ressaltar isso. A orientação, pelo menos no meu entendimento, queria confirmar se você tem o mesmo entendimento que eu – sempre é a gente não reagir, não alimentar, não reagir. Individualmente falando, né, como trabalhadores da Fiocruz. Do ponto de vista de uma unidade que pensa a comunicação e atua na comunicação, você acha que esse é o melhor caminho? Você acha que a gente teria como enfrentar de alguma maneira ou disputar de alguma maneira esses dissensos? Ou você acha que tem um limite, no contexto político em que a gente vive, que é melhor “deixar quieto”, como a gente diz? Como é que você vê isso, como pesquisador e como dirigente?

RM – Essa é uma pergunta difícil também. Eu vou falar de uma questão que eu acho que importante e que dialoga muito com isso. A gente até estava brincando com isso, porque eu assumi no governo Temer e peguei o governo Bolsonaro. E os outros diretores anteriores pegaram dois governos Lula, governo Dilma. Foram momentos subitamente diferentes – a gente tem que ter a capacidade de enxergar isso também. No governo Lula, a gente tinha mais espaço para a liberdade de expressão, até das instituições públicas. Era permitido debater mais abertamente as políticas públicas, colocar as contradições, negar, criticar as ações do governo. Claro que, muitas vezes, quem estava no governo também não gostava disso e reclamava muito, mas o impacto de algumas ações dessas hoje poderia interferir no próprio enfrentamento da pandemia. Uma ampliação ou a criação de um atrito muito grande com o governo federal hoje poderia colocar em risco a efetivação de ações e de políticas que poderiam comprometer e levar ao aumento da mortalidade, do contágio. A gente tem isso muito claro e isso nos permite entender que a gente vive momentos totalmente diferentes. Eu queria marcar isso, porque é uma questão importante. Então não é que exista uma “verdade”, que uma comunicação mais institucional é “o” modelo de comunicação para a Fiocruz, entendeu? Eu acho que existem várias vertentes que convivem, que devem conviver e você tem a possibilidade de fortalecer as ações, em termos de intensidade, de acordo com o momento político em que você está vivendo. Em um momento em que você tem maior liberdade, você vai ampliar esse debate público. No momento em que você está em uma pandemia, está em um momento de crise, onde uma orientação é fundamental em uma sociedade totalmente desorientada, com problemas governamentais, etc, uma comunicação institucional tem um peso maior. É importante dizer isso para afirmar que não está se provando que uma coisa é mais importante que a outra. Temos que ter um pensamento dinâmico em relação a isso e olhar os processos como um todo. E aí a sua pergunta ~~ela~~ dialoga com isso. A gente ouviu muito sobre isso e a gente tem tido uma postura muito preocupada em relação a isso em vários momentos. O que responder? O que não responder? O que responder através de notas? O que as pessoas respondem enquanto pessoas, mas que são dirigentes da instituição, nas redes sociais? Eu mesmo adotei um padrão para mim. O meu *Instagram* é fechado e eu falo o que eu quero e aceito a conexão com quem eu quero. O meu *Facebook* é público, tem 2500 pessoas ligadas a ele e eu me manifesto sobre uma coisa ou outra. Tem coisas que eu não me manifesto, embora eu já tenha me manifestado em outros momentos. São cuidados que eu acho necessários em relação ao cargo que a gente ocupa. Somos membros do Conselho Deliberativo da Fiocruz, não dá para ficar batendo no governo, embora eu concorde e divulgue muitas vezes ações e questões em que eu tenho contradições com o próprio governo. Eu vou defender a vacinação profundamente, eu vou defender o distanciamento social, o uso de máscara, mas eu não vou ficar compartilhando críticas contundentes ao Bolsonaro, por exemplo. A gente fica nesse fio da navalha, realmente.

Em alguns momentos, a gente teve que parar para discutir o que ia virar nota e na lista do próprio CD, a gente às vezes discute isso. Muitas vezes, normalmente, a Presidência tem um freio de mão bem puxado para isso e eu acho que está correto – e muitas vezes a gente cobra. Essa mediação é importante, entre o freio puxado e, às vezes, uma movimentação dizendo: “Não, nisso a gente tem que se posicionar”. [Tosse] Desculpa, gente. Eu estou em um finalzinho de gripe. E é gripe mesmo, viu? Essa tosse está chata. Muitas vezes essa mediação produz uma manifestação equilibrada em um momento, sobre um tema crucial. Então a gente está tendo que avaliar momento a momento. A posição individual de cada pessoa nas redes pode interferir ou não, mas você não tem como pedir para as pessoas não se manifestarem, está dentro do livre arbítrio. Você pode problematizar com um amigo ou outro e muitas vezes as pessoas me procuram: “Olha, posso me manifestar sobre isso?” Eu falo: “Eu posso dizer o que eu penso, mas eu não posso dizer o que você pode ou não pode fazer”. Eu lembro muito bem quando circulou uma propaganda do MBL que usava o Castelo para pedir dinheiro, parabenizava a Fiocruz, usava foto do Castelo e embaixo pedia dinheiro para o MBL e aquilo se confundia. Muita gente não via essa parte da doação ao MBL e divulgava, porque 90% da imagem era uma exaltação à Fiocruz, ao papel da Fiocruz, aos profissionais da Fiocruz.

SK – Mas era um pedido de doação para o MBL ou naquele *boom* de doações que as pessoas fizeram para a Fiocruz?

RM – Não, não era não. Na verdade era uma propaganda que tinha duas informações.

SK – Era um *cardzinho* desses de *Whatsapp*.

RM – Exato. Era exaltando a Fiocruz e os seus profissionais, usando a imagem do Castelo. O rodapé, em outra cor, dizia: “Entre. Participe dos nossos projetos. Entre e contribua”. Contribua com o quê? Com a Fiocruz ou com o MBL, não é? A coisa ficava meio dúbia. E aí as pessoas, como estava tendo muita contribuição financeira de entidades e de instituições privadas à Fiocruz naquele momento, as pessoas nem se preocuparam com isso e iam multiplicando isso. E aí ficou: O que a gente faz? Então aí vem a estratégia. A assessoria parlamentar entrou em contato com o deputado Kim Kataguirí, que era quem estava divulgando isso. A gente mapeou quem estava compartilhando e de quem vinha a maior parte dos compartilhamentos. Porque se você tira o compartilhamento central, tipo, eu compartilhei, 3000 pessoas compartilharam do meu. Se eu tiro o meu, *pum!*, cai a rede de compartilhamentos. Então a gente, especificamente nesse caso, mapeou isso. Eu me dei essa tarefa, mas não é nada estruturado como ação. Eu me dei essa tarefa e fui mapeando e fui me comunicando com as pessoas, pedindo para elas tirarem. E as redes foram diminuindo, caindo. É claro, você não tem controle sobre isso, porque se o cara salva aquele compartilhamento como imagem e ele compartilha, aí é um novo compartilhamento. Mas quando ele compartilha do compartilhamento, você consegue mapear e ir detonando isso. Em alguns momentos, como naquele grupo Marcha da Ciência, algumas polêmicas ali, mas, em um público mais seletivo, levaram... Teve uma vez que ficou circulando um “documento da Fiocruz” [Rodrigo faz gesto de aspas com a mão] que está disponível, não sei, para qualquer um ver, como se fosse um documento que foi descoberto falando em contradição com datas de chegada de vacinas. Não sei se vocês lembram disso, isso foi para a imprensa, circulou pelas redes sociais também. Como se tivesse um documento da Fiocruz que colocasse em contradição informações do governo sobre a data de chegada das vacinas. Naquele momento em que estava atrasando e tudo mais, naquela expectativa toda. Então, algumas pessoas nesses grupos, com um

público mais qualificado, estavam usando documentos da Fiocruz, acirrando. Tudo isso foram experimentos, *tá gente*? Porque a gente não tem capacidade para chegar em todo mundo que está divulgando isso nas redes. Então é procurar o cara por fora, pelo aplicativo de mensagem e falar: "Olha você está fortalecendo um desgaste de uma instituição que está sendo..." Você vai conversando. Com a maioria das pessoas você consegue fazer elas recuarem e tirar esses compartilhamentos de ideias, de associações totalmente estapafúrdias e que colocavam a Fiocruz em xeque. Às vezes, muitas vezes, cientistas, pessoas da academia, pessoas amigas da UFRJ, ex-professores. Então você ia conversando e as pessoas tiravam. Porque a rede social também é aquela coisa do compartilhamento onde as pessoas muitas vezes nem questionam muito. Pegam a ideia superficial do que está ali e já *PUM!* Aquela ideia do compartilhamento imediato, sem uma reflexão daquilo. Mas a gente não consegue dar conta disso. Não consegue.

SK – Isso é interessante também, porque a gente não consegue dar conta inclusive dos sentidos que às vezes as pessoas conferem a esses materiais.

RM – Exatamente.

SK – E dos impactos que eles têm. Imagino para vocês, que são dirigentes, mas para qualquer trabalhador da Fiocruz é muito difícil, às vezes, lidar com isso. Para mim um episódio emblemático [risos] foi... eu fiz isso que você falou, falei com algumas pessoas: "Gente, não passa adiante isso. Não divulga isso". Que foi aquele áudio da Mayra Pinheiro, que foi secretária de gestão do trabalho do Ministério da Saúde, dizendo – ficou famoso – que havia um pênis na frente da Fiocruz, com os tapetinhos....

RM – Tapetinho do Che Guevara.

SK – Tapetinho do Che Guevara, enfim. Foi um áudio inclusive pré-pandemia, aquilo circulou pré-pandemia e voltou a circular. Havia uma certa preocupação de não disseminar aquele conteúdo, nem que fosse para brincar. E quando isso foi exposto na CPI da Covid recentemente, aí claro, isso ganhou o mundo. Inclusive não foi só falado, foi reproduzido na sessão da CPI em que ela deu o depoimento. E aí só para fechar o exemplo, porque eu queria te ouvir sobre esse tipo de situação. Foi muito interessante, porque aí começou a circular a tal fotografia da campanha de prevenção a AIDS em que havia um pênis inflável, por conta de ações de campanha da AIDS. Quando aquilo começou a circular, aquela foto, eu falei: "A gente não pode circular essa foto, porque vai parecer que a gente está corroborando". E eu ouvi várias pessoas – meio que transformaram aquilo em uma coisa de humor – dizendo: "Ah, gente, pelo amor de Deus. Tudo aquilo foi por causa disso?" Então, você vê como a gente não controla. Claro, isso na minha bolha. Não sei como isso circula em outras bolhas. Isso tudo foi para te perguntar o seguinte: como é que vocês lidam com as redes de *WhatsApp* na Fiocruz? Porque são milhões, né? Tem o grupo da presidência, tem o grupo do CD, tem o grupo disso, daquilo, do ICICT... E ao mesmo tempo com as suas redes pessoais. Do ponto de vista do cotidiano, de quantos grupos você participa, por exemplo, de *WhatsApp*?

RM – Não sei, são muitos. A gente cria e acaba com vários em vários momentos. Acabam entre aspas, eles ficam desativados, mas ficam... Volta e meia alguém ativa eles.

SK – Até do ponto de vista do compartilhamento de decisões, não é, Rodrigo?

RM – Sim, sim. Eu já conversei sobre isso algumas vezes com a Andrea da Luz, porque a Cogepe [Coordenação-Geral de Gestão de Pessoas - Fiocruz] tem a expectativa de criar uma certa normatização colocando os riscos que o trabalhador tem quando ele expõe determinadas coisas nas redes sociais. Muitos inclusive expõem a instituição – não dessa forma que você falou, mas criticando ou até divulgando coisas falsas sobre a instituição. A gente vê isso, acusações sobre a instituição feitas pelos próprios trabalhadores. Eu sempre disse para ela que eu achava isso muito complicado e muito complexo também, porque era um debate a ser feito. Eu acho que talvez alguns alertas, mas você criar regras para isso seria entrar em contradição com a própria ideia de liberdade de expressão. Cada um que assuma aquilo que publique. Se aquilo for ofensivo a alguém, existe legislação penal para você buscar punição para aquela pessoa. Você tem como registrar, tem que ir na delegacia, mostrar, então não acho que tenha que ser regulamentado isso dessa forma. Agora, tem coisas que eu acho que tem que segurar mesmo. Quando essa gravação começou a se espalhar, as pessoas começaram a espalhar... Também é muito difícil você segurar porque é inusitado, né? Como você vai segurar um negócio que é engraçado, que é absurdo.

SK – Bizarro!

RM – É! E às vezes você quer compartilhar, porque você quer ir junto, porque você quer prevenir as pessoas da sua unidade, porque existem coisas circulando dessa forma, principalmente em uma unidade de comunicação. Você fica meio nesse fio da navalha, do quê divulgar internamente e do que não divulgar. Em geral a gente pede para não divulgar, para não circular. Aí de vez em quando surge um desavisado: "Pô gente, vocês já viram isso aqui? Pô, isso aí está circulando há meses, gente", "Ah, porque não chegou em mim".. Sempre vaza, sempre vai para grupo de família. Depois que vai para o grupo de família então, já era, vai para amigo. A gente vê que as coisas saem do controle quando vão para os grupos. Eu acho que a gente deve evitar circular algumas coisas. Não só pelo *WhatsApp* como pelo *Facebook* e pelas redes em geral. Agora, tem situações em que não tem como você tampar o sol com a peneira. Por exemplo, essa história da “capitã cloroquina” [Maíra Pinheiro]: ela deu esse depoimento na CPI da covid, não sei se foi o Randolfe [Rodrigues] ou o Humberto Costa que botou o áudio.

SK – Foi o Randolfe.

RM – O áudio, ao vivo. E isso passou em todos os jornais, ao vivo, Jornal Nacional, teve uma repercussão imensa. Já não estava mais na nossa governança falar ou não daquilo. E aí começaram a surgir toneladas de memes, inclusive fazendo analogias à imagem do castelo da Fiocruz onde você poderia enxergar um pênis, né? As torres. Aí virou domínio público, virou piada, virou meme, já era. Muito rapidamente isso virou meme. E aí as pessoas começaram a compartilhar. É claro que teve gente que pegou aquilo, aquela foto real, daquela campanha [de prevenção à Aids] e juntou com outras coisas e falou: kit gay, kit não sei o quê. Aquilo serviu para alimentar, mas aí não tem jeito. A pessoa vai se alimentar com isso ou com outra coisa que não é real. Eu acho que não tem uma regra. Eu acho que a regra é cautela. Não divulga, evita colocar a Fiocruz em um debate onde ela pode ficar mais exposta. Porque se ficar compartilhando uma história dessa você vai ter que ficar desmentindo. As próprias situações que a gente precisa desmentir precisam ser avaliadas – se você vai colocar mais lenha na fogueira ou vai, de fato, responder a alguma questão que seja de interesse público. Eu acho que esse tem sido o ponto de definição do que vira nota pública ou não. Não é o que necessariamente expõe a

instituição, mas o que é uma informação que precisa ser combatida para que o público esteja consciente do que está sendo falado. Uma informação sobre a vacinação, por exemplo. Tem sido esclarecido muita coisa sobre a vacinação.

SK – É até interessante também, Rodrigo, esses desafios que a gente está falando, é que a quantidade de perguntas que a gente, cada um de nós da Fiocruz, recebe de família, amigos, enfim: “Olha, é verdade isso? A vacina é eficaz?” Eu me lembro daquela época da discussão sobre a eficácia das diferentes vacinas ou mesmo dos efeitos adversos: “Olha é verdade isso? Pode acontecer aquilo?” Você é cobrado a falar de coisas sobre as quais você não tem expertise para falar.

RM – Exato.

SK – Isso é outro fenômeno. Até a minha filha, que tem 17 anos, na sala dela às vezes quando o tema é vacina as pessoas perguntam para ela, porque sabem que ela é filha de dois pesquisadores da Fiocruz. E ela diz: “Eu não sei”. Então, enfim, é uma loucura. Se perguntam para a gente, imagino para vocês que são dirigentes, e para você, que é dirigente de uma unidade de informação e comunicação.

RM – Exato. Exato.

KL – Eu queria aproveitar esse gancho só para fazer um complemento. Porque essa demanda de informação que a sociedade tem, ela também tem canais de chegada para a gente. O “Fale Conosco” é um desses canais. Você falou da alta visibilidade do Portal. Essa é uma forma de escoar isso. Você poderia falar um pouco sobre isso? O que de alguma forma a sociedade pergunta diretamente para a Fiocruz? Porque aí não é só para aquele que ela sabe que trabalha na Fiocruz, mas é diretamente. Qual é a expectativa dessa sociedade em relação àquilo que a gente pode dar para ela?

RM – Ainda sobre essas outras questões que vocês estavam falando, tem o perigo do primo que te pergunta um negócio, você está sem tempo de digitar e manda um áudio. Aí o cara diz: “Olha esse aqui é o áudio de um amigo, de um primo meu que trabalha na Fiocruz”. Daqui a pouco esse áudio está circulando no Rio de Janeiro inteiro, no país inteiro, porque alguém da Fiocruz disse tal coisa. Isso é um perigo mesmo. Essa coisa de não gravar áudio para determinadas coisas eu peguei como regra, porque é um risco que a gente está sempre correndo. Sobre o que você falou, Katia, existem projetos para a gente estudar isso. De vez em quando eu ouço algumas análises, algumas questões. A gente sempre procurou, desde o enfrentamento de outros agravos, a gente criou uma ferramenta de perguntas e respostas que normalmente é alimentada pela intensidade de algumas perguntas do “Fale Conosco”. Então, assim: você tem uma pergunta que vem 10 vezes, você sabe que você precisa disponibilizar aquela resposta publicamente porque aquela dúvida vai ser a dúvida de outras pessoas. As perguntas mais recorrentes a gente tem tentado transformar em respostas concretas para entrar no perguntas e respostas. Algumas perguntas e respostas a gente tentou fazer em vídeo, para facilitar o entendimento, a busca, a comunicação, o que não necessariamente tenha sido eficaz. Às vezes vem um pesquisador, vem o diretor da unidade que quer falar sobre aquilo. Porque você vai falar com os egos também... E aí o cara responde àquilo de uma forma que o cidadão comum não vai conseguir entender, que não é totalmente esclarecedor. Então a gente tem sim essa preocupação, agora a gente tem esse problema. Quem são os especialistas que respondem às demandas? Normalmente são os que estão muito atarefados, dormindo 5/6 horas, 4

horas por dia e estão mergulhados em pesquisas, em entrevistas, etc. Mas existe esse termômetro e ele é muito importante. Muito embora eu acho que às vezes não é dada a devida importância a ele. As redes sociais têm uma lógica que é semelhante mas, ao mesmo tempo, diferente do “Fale Conosco”. Acho que isso precisa ser entendido. Nas redes sociais, às vezes as pessoas fazem perguntas e aí a gente pode dizer que, nesse sentido, é uma dinâmica que é parecida, semelhante ou igual à do “Fale Conosco”. Mas em outras vezes é para alimentar um debate que é para sacanear. Nesse caso, têm uma outra dinâmica, que é participar naquele debate que está colocado ali, naquela sequência. Twitter então, ele tem muito claramente essa dinâmica. Uma reação a uma postagem, que às vezes não é nem a principal, mas as que se seguiram. No “Fale Conosco” você percebe muito a dúvida do cidadão que está perdido, isso a gente vê nitidamente. Ele está perdido e precisa muitas vezes de uma opinião: se toma um remédio, se fica trancado em casa, se não fica, quantos dias fica. Muitas vezes são perguntas elementares, mas que o cara quer ver aquela resposta na boca da Fiocruz, entendeu? Às vezes são perguntas muito simples. O nosso problema maior é a nossa possibilidade de responder a tantas perguntas - nossas e dos pesquisadores que ajudam a responder, e também de você transformar sempre isso em uma linguagem mais simples possível, de você enxergar o “Fale Conosco” como uma demanda concreta. Mesmo que não cheguem 100 perguntas sobre um determinado tema, que cheguem 10, isso já é um indicativo de que é uma dúvida comum. E que muitas pessoas não vão mandar aquela pergunta, porque vão encontrar aquela resposta já de cara. Quando ela entra no “Fale Conosco” ela tem acesso, é direcionada, há a possibilidade de olhar as respostas e de filtrar a partir de determinados temas e subtemas em que aquela situação está indexada.

SK – Você poderia dar um exemplo de perguntas mais comuns?

RM – Pode ter uma pergunta relacionada à vacina. “Eu tive uma reação adversa”. Eu não sei se teve essa pergunta, mas eu tenho certeza que teve, tá? Eu não li, mas eu tenho certeza que teve. “O que eu devo fazer?” Às vezes o “Fale Conosco” vem pelo nosso telefone...

SK – Como assim?

RM – “Pelo amor de Deus, me ajuda, eu tenho um amigo que tomou a vacina e está internado, está com esse quadro, o que eu faço?” Como a gente vê que é um caso grave, você entra em contato com a diretora do INI [Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas - Fiocruz] e pede uma orientação. Ela diz: “Manda o médico dessa pessoa entrar em contato com esse médico do INI, que ele vai orientar”. Então é um caminho mais fácil, mas esse tipo de pergunta chega toda hora pelo “Fale Conosco”. “Tive uma reação adversa, devo ir para o hospital? Devo esperar?” Mas a gente não consegue responder a tempo. Muitas vezes o efeito adverso vai passar e a resposta não chegou.

SK – Tem alguém responsável? Tem um fluxo?

RM – Tem, tem.

SK – Todo o dia a pessoa vai lá e cuida disso?

RM – Tem, tem pessoas que são responsáveis pelo “Fale Conosco”. Tem uma rede entre as unidades de pessoas que normalmente respondem ao “Fale Conosco”, embora isso seja

uma situação totalmente incerta. Tem pessoas importantíssimas, que se desdobram, que entendem a importância, em áreas fundamentais, mas tem unidade que tem dificuldade, porque não tem gente mesmo, não é nem por má vontade. Não tem. Tem um assessor de comunicação na unidade, para dar conta de tudo. E essa pessoa não consegue dar conta. Ela é o ponto focal por onde a demanda vai chegar, mas às vezes ela demora até olhar o sistema que repassa essa pergunta. Quando eu digo que a informação é o nosso IFA, e que a gente tem que ter uma equipe com o maior número, com vários níveis de capacidade, com diferentes capacidades para dar conta de todas essas demandas, muitas vezes as pessoas não compreendem ou não sabem que existe. Às vezes chega pelo Fale Conosco, às vezes chega pela Ouvidoria. Muitas vezes chega pela Ouvidoria também. E a Ouvidoria te dá lá um prazo de 15 dias. Aí chega para a direção das unidades e aí ela tem que responder. É diferente, mas é muito interessante como termômetro para montar essa ferramenta de perguntas e respostas e pensar em fazer essas perguntas e respostas em uma dinâmica e em uma linguagem mais acessível. Isso está evoluindo, mas não na velocidade que precisaria, com certeza. Mas a gente tem buscado melhorar.

SK – Agora, uma solução que tem sido muito interessante teria sido a questão do audiovisual, né, Rodrigo? Dessa comunicação também por vídeo, que é uma coisa que tem muito impacto, sobretudo nas redes sociais. E às vezes são coisas que caem na rede de uma maneira surpreendente. Por exemplo, uma coisa que eu me lembro muito bem foi na época da construção do Centro Hospitalar, aquelas imagens, que eu acho que foi alguém do ICICT que fez.

RM – Sim.

SK – Aquilo foi sensacional. Assim, para mim é uma das imagens... Se alguém me perguntasse entre as imagens que eu guardo desse último ano sobre a Fiocruz eu certamente diria essa. Porque eu acho que foi uma coisa muito impactante. Aquilo foi planejado? Como é que foi aquele vídeo? A história daquele vídeo.

RM – Na verdade tem várias versões desse projeto, porque a cada etapa a gente fazia uma nova versão, até a versão final. A gente tem dois servidores – um principalmente, que trabalha com esse projeto e que foi quem inclusive bolou aquela visita virtual ao Castelo, que é muito legal por sinal, o Leonardo Oliveira. Esse projeto foi crescendo, a gente conseguiu comprar equipamentos, conseguiu começar a fazer. A Nísia queria fazer uma visita virtual nos 120 anos, então foram para algumas unidades, foram gravar os espaços, as unidades regionais e tudo mais, mas acabou tendo que paralisar. Quando veio a construção do Centro Hospitalar, a gente falou: “Vamos gravar isso, né”? No primeiro momento, a gente falou: “Vamos conseguir uma câmera para ficar 24 horas gravando”, para fazer o que eles chamam de *timelapse*, que depois você acelera. Porque uma imagem que chocou muito todo mundo, naquela época, foram aquelas imagens da rapidez da construção dos centros hospitalares na China, lembra? Que eles faziam em um mês um centro hospitalar – ou até menos. E que eles botavam uma câmera que ia mostrando a rapidez em que cada etapa era construída. Aquela imagem suscitou na gente essa demanda, essa ideia. “Vamos fazer um negócio parecido?” Só que quando a gente teve a ideia, a obra já tinha começado e aí a gente também teve que lidar com as dificuldades de infraestrutura: a gente não conseguia um lugar para colocar essa câmera; a câmera tinha que ficar em um lugar seguro, era um lugar que tinha pouca gente indo na Fiocruz, as pessoas tinham medo de ir à Fiocruz. A gente teve que lidar com várias questões. A gente tentou botar a câmera lá em Bio-Manguinhos e não deu certo. “Ah, em tal lugar tem outras

câmeras que pegam e tem segurança...". A gente não conseguiu uma câmera totalmente fixa e a gente foi trabalhando com outras alternativas. Depois a gente descobriu que a empresa de engenharia estava fazendo esse trabalho também. Eles tinham colocado uma câmera em um dos postes e a gente começou a trocar imagens com eles. A gente fazia esse trabalho sobre alguns ângulos que eles não faziam, a gente trocava isso. E a gente tinha o drone também, porque o drone nos possibilitava em alguns voos, inclusive, captar imagens dos mesmos lugares de cima que você poderia ver como era antes e depois. A gente ainda não abriu, mas o Léo [Leonardo Oliveira] fez um, tem um endereço e depois eu posso até compartilhar com vocês e com quem procurar: tem um lugar que você olha de cima e consegue ver como era antes e como ficou depois, como era o campo, eles conseguiram sobrepor as imagens^{3 4}. E esse foi um trabalho muito legal, porque é um trabalho que a gente aprendeu a fazer fazendo. Depois a gente foi chamado para fazer o da área de produção do IFA. Por quê? As pessoas podem entrar no lugar. As pessoas podem ver como as coisas estão acontecendo. Aquela do hospital foi sensacional, primeiro porque mexeu muito com o orgulho de quem trabalha na Fiocruz. Pensar nessa ideia e executá-la, foi uma decisão absurdamente certa, das mais certas, né? Isso também empoderou muito a Fiocruz, deu um respaldo na sociedade, foi ampliando isso. E a gente tem esse olhar.... Que imagens são importantes? O que a gente pode fotografar? O que a gente não pode fotografar? Mas sempre lidando com essa limitação de não expor os nossos trabalhadores também. Então, foi um trabalho sensacional e que até hoje a gente continua ampliando. Isso foi feito também no centro de testagem⁵. A gente tem várias iniciativas relacionadas a isso. Esse trabalho foi desenvolvido pelo Centro de Tecnologia de Informação e Informação (CTIC) com o Multimeios. E a gente junta isso com o trabalho da VideoSaúde [VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz] também, de muitas imagens e com a edição final do vídeo que a VideoSaúde fez. Então esse trabalho realmente a gente... Teve um impacto... Que os hospitais da China, que aquelas imagens tiveram para a gente, a gente imaginou que também esse impacto aconteceria. A gente trabalhou muito em parceria com a assessoria de comunicação do INI, com a assessoria de Bio-Manguinhos, porque era quem estava com um olhar privilegiado naqueles espaços. Realmente foi um trabalho muito, muito, muito legal!

KL – Rodrigo, no mundo marcado pela visualidade, se você tivesse que fazer outros projetos, que imagens da Fiocruz você acha que seriam interessantes de serem expostas para, digamos, encarnar o que ela é? Claro que são muitas e cada um vai dar uma resposta, mas eu quero ouvir você.

RM – Pois é. Eu vou dar uma resposta para uma pergunta que vocês não fizeram, mas que eu acho que é um elemento importante, que a gente pode até aprofundar em uma outra, porque esse assunto suscitou. Um trabalho que eu acho que foi fundamental e que precisa ser marcado é o trabalho das transmissões dos eventos. A instituição não parou, a gente continuou fazendo coletivas com a imprensa, continuou falando com a sociedade, fazendo reunião com pares, fazendo debates e seminários, fazendo eventos virtuais. E o trabalho que a VideoSaúde teve foi fantástico. Os caras acordavam de madrugada e iam

³ <https://www.iciet.fiocruz.br/content/constru%C3%A7%C3%A3o-de-centro-hospitalar-para-covid-19>; <https://www.youtube.com/watch?v=2ImZ1F4fz3s>.

⁴ Time-lapse 360° da construção do Centro Hospitalar para a Pandemia de COVID-19 - <https://fiocruz360.iciet.fiocruz.br/vthospital>; Antes/Depois em 360° da construção do Centro Hospitalar para a Pandemia de COVID-19 - <https://fiocruz360.iciet.fiocruz.br/vthospitalsplitv1>.

⁵ Tour Virtual da Unidade de Apoio ao Diagnóstico da COVID-19 - <https://fiocruz360.iciet.fiocruz.br/vtcafiocruz>; Tour Virtual da Área de Produção do IFA da Vacina COVID-19 - <https://fiocruz360.iciet.fiocruz.br/ifacovidbio>.

dormir tarde da noite, porque a solicitação de transmissões era enorme e não tinha muita gente com essa *expertise*. E foi uma *expertise* que a gente acabou construindo também a partir das transmissões dos eventos presenciais, transmitindo alguns eventos que tinham lá na Fiocruz com a Nísia e as coletivas. E a adaptação com as ferramentas, com o *Zoom*, como é que você associa o *zoom* ao *Youtube* para fazer uma transmissão ao vivo, sem permitir que todos entrem na sala. Então, eles rapidamente construíram essas estratégias e apresentaram, se constituíram como infraestrutura e suporte não só para muitas unidades da Fiocruz, como para a própria Presidência e para outras instituições como o CEBES [Centro Brasileiro de Estudos de Saúde], para a Abrasco [Associação Brasileira de Saúde Coletiva], sempre colaborando com essas transmissões e virtualizando muitas atividades. Hoje a gente transmite, inclusive, uma atividade que é feita duas vezes por semana, dentro dessa estratégia de dar suporte a saúde mental. A gente transmite uma atividade de meditação, dentro das estratégias das práticas integrativas, duas vezes por semana, que ficam disponíveis lá depois no *Youtube* e você pode fazer a qualquer hora. A gente já teve loga, mas depois partimos para uma coisa mais simples, que é feita e é transmitida. E isso quebrou alguns paradigmas, eu acho. O que a gente achava que não funcionava bem no virtual, com certeza vai adotar quando voltar para o presencial. Participar de uma banca virtualmente, que a gente não gostava muito, achava que ficava estranho, hoje em dia virou regra. E desenvolveu ferramentas e práticas que mostraram que isso era possível sem comprometer muito. Eventos virtuais - você pega um cara que está em outro estado, o cara não precisa viajar, o cara está em outro país e participa do seu evento ao vivo. Então, a gente quebrou alguns paradigmas em relação a essa questão e os resultados que a gente teve, com a atuação da Videosaúde, com a atuação do ICICT, têm uma importância muito grande. Todo mundo fala muito disso, agradecem muito. E parte dessa *expertise* foi construída no calor da pandemia. Agora, que imagens? Eu acho que o hospital é uma imagem fundamental. A gente não conseguiu fazer o passeio virtual dentro do hospital, não deu tempo, porque não dava para parar o hospital. Tanto que não teve nem inauguração. Por coincidência eu estava lá na Fiocruz no dia e é isso. Como é que inaugura? Começando a trabalhar. O pessoal ficou com medo, também, de ficar exposto. Naquela época você tinha mais medo do que se tem hoje, porque hoje tem algumas barreiras um pouco mais provadas que realmente funcionam. Então os profissionais não quiseram, começaram a ficar com receio e não dava para fazer esse 360° já cheio de doentes lá dentro. Você tinha várias limitações, questões éticas de expor as pessoas, a própria exposição dos trabalhadores. Você atrapalhar o fluxo de um hospital desse, que tem uma dinâmica de ação intensiva o tempo inteiro. Então eu acho que um passeio por dentro desse hospital, não sei se vocês viram fotos, eu tive, como eu falei, eu tive o privilégio de andar dentro dele e ver muitos espaços. É um espaço dotado de muita tecnologia de primeira linha, valia a pena ter mostrado. Os espaços de produção das vacinas que foram mostrados por vídeos⁶, eu acho que uma visita 360° seria muito interessante, para as pessoas verem os detalhes de quanto é complexo e quanto é importante o desenvolvimento tecnológico, o desenvolvimento de um complexo industrial próprio da área da saúde. As imagens ajudam muito a construir essas ideias. E mostrar também a situação real dos laboratórios, essas limitações que a gente tem de espaços adequados. Mas eu acho que esses espaços principalmente, são em geral, são os espaços que mais impactam. Eu nunca entrei na linha de produção de Bio. Nunca pode. Mas os parlamentares vão lá sempre e o pessoal leva. [risos] A gente sempre fica curioso. A gente entrou, uma vez, em um espaço de Farmanguinhos, que é um espaço de produção, eles querem fazer uma visita virtual ao espaço de produção de fármacos. A gente entrou

⁶ Tour Virtual da Área de Produção do IFA da Vacina COVID-19 - <https://fiocruz360.icict.fiocruz.br/ifacovidbio>.

em um pedacinho e já foi fantástico. Mas é isso, você tem que se vestir dos pés à cabeça, se proteger, proteger o espaço. E são espaços extremamente interessantes, o público teria muito interesse. Acho que alguns laboratórios também seriam muito interessantes. Essa coisa da qualidade, dos laboratórios de teste, todo mundo fala sobre, mas as pessoas não têm imagens para visualizar isso. Teve uma imagem que a gente divulgou através do banco de imagens⁷, que também foi muito importante: a primeira imagem que o Instituto Oswaldo Cruz (IOC) fez do vírus. Não sei se vocês lembram. Essa foto⁸ foi para o banco de imagens. A gente usou o banco de imagens para divulgar várias imagens importantes. O banco de imagens serviu muito na época da dengue, porque as pessoas pediam muitas imagens dos mosquitos. Então a gente conseguia uns mosquitos lá emprestados, levava para o estúdio e fotografava eles⁹ [risos] em diversas situações. Às vezes no próprio braço. Porque você precisa também produzir imagens para a sociedade entender o que a gente está falando. São imagens para os nossos materiais de comunicação e para que a gente deixe em aberto para a sociedade, ou seja, para o jornal da comunidade – que seja um jornal privado de grande circulação – porque isso também é uma garantia de uma comunicação eficiente. Não é colocar qualquer imagem e colocar aquilo como uma imagem real de alguma coisa que não é, ou seja, sem realmente corresponder ao que está sendo mostrado, isso é ruim para o próprio processo de comunicação. Então você ter um banco de imagens também fortalecido em um momento desse é extremamente importante.

SK – Esse banco de imagens está disponível?

RM – Está, mas a alimentação dele é muito irregular, tem muitas dificuldades. E tem imagens que alguma assessoria de comunicação preserva como um foco dela, de trabalho. Então, tem uma relação direta com a imprensa. Mas a ideia é a gente construir – porque a gente viu agora a importância – um banco de imagens colaborativas, de toda a Fiocruz, onde todas as unidades coloquem, onde a presidência coloque as imagens que podem vir à público, que seja e fique disponível para a sociedade, mas também para os grandes meios de comunicação que não conseguem produzir ou ter acesso a essas imagens. Claro, vai ter sempre um que vai pegar a imagem do banco da Fiocruz e vai recheiar um *kit gay*, ou alguma coisa; vai distorcer, mas aí não tem jeito. Se não for essa imagem, vai ser outra.

SK – Você quer ver uma coisa que eu gostaria muito de ver? A imagem do IFA. Que é uma coisa que todo mundo fala, se tornou um termo do léxico cotidiano, digamos assim, e eu tenho extrema dificuldade de visualizar o que é um IFA.

RM – Exato. É a imagem que eu tenho, também.

SK – Não é? Gente, o que é um IFA? Então essa dimensão é muito bacana, que é você dar materialidade. Por exemplo, as pessoas falam PCR. O que é isso? É uma coisa que está no cotidiano das pessoas e que você não consegue dar nenhuma materialidade.

RM – Tem que ter ilustrações mostrando como é que lava a mão, aí começaram a produzir ilustrações também. Acho que poderia ser melhor. Do que foi produzido, nós tivemos muitos problemas: equipe que ficou doente, equipe que foi paralisada por situações de saúde mental, dificuldade de entrar em determinados espaços. No início tinha muito aquele papo que a Fiocruz ia virar um “covidário”, não sei se vocês lembram disso. Como

⁷ Fiocruz Imagens: <https://www.fiocruzimagens.fiocruz.br/>.

⁸ <https://www.fiocruzimagens.fiocruz.br/media.details.php?mediaID=7257>.

⁹ <https://www.fiocruzimagens.fiocruz.br/media.details.php?mediaID=4653>.

é que eu vou para a Fiocruz e ficar exposto, né? Como se aquelas chaminés exalassem o vírus. É muita ignorância que surgiu, muita desinformação sobre isso tudo. Tudo isso impactou de alguma forma. Em alguma medida foi importante manter as equipes muito conectadas também com o centro dessas ações. Essa dispersão, equipes que às vezes são muito auto centradas, elas não conseguem dialogar cotidianamente com todas essas questões que para a gente estão claras, para mim que estou no conselho deliberativo toda a semana discutindo isso, estou discutindo isso na direção do ICICT, estou discutindo isso na coordenação, que estou na coordenação que o ICICT montou, estou discutindo isso com pesquisadores de outras unidades, porque a gente também, eu me meti em vários projetos também, participei de vários projetos. E então, assim, as pessoas não estão conectadas o tempo inteiro, elas têm suas demandas de casa, e isso dificulta. Essa dispersão também existe, mas eu acho que a gente aprendeu muito nesse processo. Inclusive a identificar as imagens que a gente precisava ter, que a gente ainda precisa ter.

SK – Rodrigo, a gente já está quase na sua hora. Eu queria, a gente teria várias outras perguntas aqui para fazer para você. Vamos marcar uma outra sessão para a gente terminar?

RM – Vamos. Tem partes, tem alguns temas que eu posso já adiantar aqui. O vídeo dos 35 anos do ICICT inclusive é um bom, é um bom roteiro, ali tem todas as áreas mais ou menos. Tem a área de sistemas, a gente fez vários sistemas, foram importantíssimos. Tem a área de informação científica, a situação com o ensino, até a Kátia pode até falar melhor do que eu, porque viveu isso muito intensamente. Quer dizer, principalmente essa área de informação científica, de sistemas. E até porque a gente acabou entrando nessa área dos projetos tecnológicos do 360º, dos vídeos, isso tudo foi muito importante. Se vocês quiserem retornar a isso também, podemos, mas eu acho que as áreas de sistemas e de informação científica foram muito importantes, tivemos ferramentas, tivemos muita interação sobre isso, interação com outras unidades.

SK – É, tem muitos temas. Até para te ouvir também não só como gestor, mas também como pesquisador. Não sei se Kátia quer fazer alguma pergunta ou se a gente podia encerrar.

KL – Eu queria fechar um tema para que a gente não tenha que abrir depois. Queria saber se você gostaria de falar de outras ações que a VideoSaúde fez, para a gente fechar esse tema.

RM – Sim. A VideoSaúde fez uma mostra também¹⁰, uma captação de vídeos sobre a pandemia – as pessoas podiam mandar vídeos que estavam produzindo sobre a sua realidade nesse momento da pandemia. Foram duas ações muito importantes e muito interessantes também. Então, existe um acervo de imagens produzidas durante a pandemia e a ideia era que as pessoas produzissem com aquilo que elas tivessem na mão. Não era um vídeo finalizado, necessariamente. A VideoSaúde também interagiu muito com o "Se liga no Corona"¹¹ - iniciativa que reuniu vários setores da Fiocruz, como a Cooperação Social - porque o "Se liga no Corona" tinha vídeo, peças gravadas que circulavam pela rede, mas também foram impressos cartazes, folhetos. Então o Multimeios fez mais de uma centena de peças que circularam pela rede e foram impressas – o pessoal foi lá para imprimir na gráfica. Porque, nas comunidades, você tinha que

¹⁰ <https://portal.fiocruz.br/mostra-audiovisual-ciencia-saude-sociedade>.

¹¹ <https://portal.fiocruz.br/se-liga-no-corona>.

distribuir o folheto, prender o cartaz nas áreas de circulação. Foram produzidos vídeos, foram produzidos *podcasts* também. Esses *podcasts* foram usados para circular em carro de som dentro de algumas favelas. Tem experiências muito interessantes em relação a essa atuação. O Multimeios esteve muito, muito, muito focado nessa campanha do "Se liga no Corona". Essa produção de coisas que circulam pela rede e imagens... nossa, aumentou a demanda absurdamente. Os seminários, os centros de estudo, os temas que foram debatidos, muita coisa passou a ser demandado dessas estruturas, das equipes de saúde, do Multimeios, exatamente pela força que a imagem tem hoje de uma forma geral, mas quando você está vivendo no monitor a imagem ganha uma força ainda maior. Se você entrar lá no canal da VideoSaúde¹², você fica surpreso quando você vê o número de visitas, o número de pessoas que viu cada vídeo daquele. Ah, tem 60 pessoas online. Você passa um mês lá e depois tem 800 visualizações. Isso não é exagero, acontece. Acontece.

SK – Esse projeto "Se liga no Corona" foi muito interessante. A gente com certeza vai falar mais dele na próxima vez, com certeza. Rodrigo, a gente está falando de imagens. Como é que você se vê nessa pandemia? Uma imagem do Rodrigo. Como é que você se representaria, como é que você deixaria uma foto de você mesmo?

RM – Nossa. Essa foi a mais difícil de todas!

SK – O que te vem na cabeça?

RM – Ah, me vem à cabeça minha foto entre dezenas de fotos, dentro de quadradinhos, em dezenas de reuniões, centenas de reuniões que a gente fez. Esse espaço aqui foi o mais usado da casa durante todo esse processo e tem sido fundamental. Então, de cara no monitor e vendo um monte de gente virtualmente. Essa é a minha imagem, até porque a gente se vê, né? Quando a gente está em uma reunião presencial a gente não se vê. Aqui a gente se vê. Essa é a minha auto-imagem, no meio desses retângulos, com as nossas fotos tentando ajudar a organizar esse enfrentamento. Acho que esse é o papel central de um dirigente nesse momento, é ser uma peça articuladora. Porque a presidência não tem noção de tudo o que as unidades fazem, de como ela pode contribuir nesse momento. Esse é o papel central de um dirigente de uma unidade: conseguir fazer essa ligação com outras unidades e com as ações centrais da Presidência, colocando-se à disposição da instituição, da sociedade, do SUS, o melhor que a gente tem acumulado até aquele momento.

SK – É isso aí. Então, até aproveitando, eu vou dar um *print* aqui, todo mundo olhando aqui para a tela. Um, dois e... uma nova maneira de tirar foto. Rodrigo, eu queria te agradecer demais aqui a conversa.

RM – Foi ótimo para mim, para organizar algumas ideias. Obrigado, gente!

Segunda sessão

Data: 01/09/2021

SK – Bom, boa tarde, hoje é dia 31 de agosto de 2021. A gente está aqui com o Rodrigo Murtinho para continuar a nossa entrevista. Agradecendo mais uma vez, Rodrigo, a tua

¹² <https://www.youtube.com/channel/UC5z5hsnZOZJH8vFacP-9poQ>.

disponibilidade para colaborar com o nosso projeto sobre a atuação da Fiocruz no enfrentamento da pandemia de Covid. Eu sou Simone Kropf. Estão aqui comigo: Kátia Lerner, Thiago Lopes e Ede Cerqueira. Rodrigo você está na sua casa?

RM – Em casa.

SK – É, agora eu estou registrando também o local. A gente está fazendo a entrevista por via remota, pelo *Zoom* e acho que Ede, Thiago e Katia também estão nas suas casas. Então vamos lá, vou passar aqui a palavra para a Katia, para ela retomar alguns pontos sobre os quais a gente quer te ouvir hoje.

KL – Boa tarde a todos e todas. Rodrigo, queria também te agradecer. A gente sabe que a agenda de um diretor é enlouquecida, então reforço aqui as palavras da Simone, te agradecendo. Queria retomar alguns pontos que a gente começou a falar e acabou não tendo tempo suficiente. A gente estava falando de alguns projetos e ações que o ICICT tem feito em relação à pandemia. E eu sei que especialmente tem dois projetos que focalizam dois grupos sociais específicos, que estão na linha de frente da pandemia. Queria te ouvir sobre as ações do ICICT, em especial, na questão dos idosos e dos trabalhadores da saúde.

RM – Deixa eu me livrar de uma gata aqui [riso]. Bom, antes de mais nada, eu queria agradecer. A primeira parte foi muito interessante. Consegui, inclusive, sistematizar algumas coisas que eu ainda não tinha parado para pensar. Falar sobre as coisas é uma forma também de a gente sistematizar e trazer, organizar melhor. Bom, eu vou começar pelos trabalhadores da saúde. A gente participou de três projetos que vão nessa linha. O primeiro foi com o NUST [Núcleo de Saúde do Trabalhador - Fiocruz], logo no início. O NUST não tinha um sistema para monitorar a saúde dos trabalhadores da Fiocruz e havia uma dificuldade enorme, inclusive, porque com a pandemia surgiam casos a todo momento e isso era feito através de uma planilha de excel com telefone, apenas um telefone no NUST. Essa urgência chegou rapidamente e a gente ajudou a fazer um sistema que hoje monitora a saúde do trabalhador da Fiocruz. É um sistema em que você pode notificar a sua situação de saúde, dia a dia. Se você quiser entrar hoje, você hoje diz como você está, você diz como você está amanhã... A ideia foi pensada para exatamente monitorar esses períodos em que o trabalhador estivesse contaminado e o NUST pudesse avaliar, dia a dia, e prestar auxílio a esse trabalhador. O sistema foi feito correndo, depois a gente foi fazendo reparos, mas ele começou a funcionar logo. Depois foram feitos outros módulos e hoje o NUST tem um sistema que consegue monitorar a saúde dos trabalhadores da Fiocruz. Isso tudo criou um banco de dados, tudo isso que não tinha antigamente. Então ajudou a impulsionar isso. Isso tem servido como base para esses boletins epidemiológicos que a gente vê, essas análises que a Cogepe solta de vez em quando nos boletins sobre a saúde do trabalhador da Fiocruz. Foi um projeto bacana e a gente ficou muito satisfeito com o resultado. Ele mobilizou o nosso Centro de Tecnologia, principalmente os nossos desenvolvedores. A gente participou de mais dois projetos de saúde do trabalhador com uma equipe do Politécnico [Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fiocruz]. Foi também parte de uma pesquisa, de um projeto maior. Um deles com financiamento da Fiocruz – acho que é o PMA – sobre as condições de trabalho dos agentes comunitários de saúde (ACS). Havia uma pesquisa em torno disso, com a equipe do Politécnico, e a gente criou um sistema para ajudar também na construção dos boletins. Tinha toda uma especificidade, porque havia uma avaliação de que os ACS tinham situações diferentes, mas a maioria talvez não tivesse celulares com

a capacidade para ter muitos aplicativos. Então, foi muito pensada essa estratégia de fazer coisas leves. A gente não usou nem aplicativo, nem para o NUST e nem para esse caso, porque nós achamos exatamente isso: toda vez em que tem que baixar alguma coisa no celular, você pensa duas vezes. Ainda mais quem tem celular que não tem muita capacidade, que é a maioria das pessoas. Então, a gente fez um sisteminha que abre como se fosse um aplicativo mas, na verdade, ele está dentro do navegador *web* que tem dentro do celular, não cria nenhum espaço a mais e, ao mesmo tempo, é de fácil uso. E tem uma interface que parece um aplicativo. Então esse projeto também foi muito bacana e também foi a mesma equipe que fez. Na verdade, foi acrescentando, porque outros desafios também surgiram. Já o projeto de pesquisa começou a publicizar também os dados através de visualizações utilizando esquemas de visualização desses dados. Porque realmente era uma necessidade absoluta de registrar e denunciar a situação dos trabalhadores da saúde, principalmente os agentes comunitários, que estavam totalmente expostos à doença, não recebiam EPI, estavam trabalhando em condições muito precárias. E depois, a partir desse sistema, nós fizemos um outro, que eu agora não estou conseguindo lembrar exatamente. Mapeava em grupos de médicos, enfermeiros... Eram também trabalhadores da área de saúde – não estou conseguindo lembrar quais eram os focos, mas também tinha uma relação com a mesma coordenadora do outro projeto, mas já com um grupo maior. Se não me engano foi um projeto Inova, inclusive, que recebeu o financiamento do Inova, esse segundo. E tinha uma articulação, como o primeiro tinha uma articulação com os movimentos dos ACSs, esse segundo também tinha articulação com os sindicatos de trabalhadores da saúde. Ele também servia usando uma metodologia semelhante, mais robusto, mais amplo inclusive. Ele também mapeou essa situação da saúde nos trabalhadores de outras categorias – se não engano enfermeiros, médicos, depois se você quiser eu posso pegar essas informações aqui. Muita coisa a gente acaba não lembrando. E sobre a saúde do idoso eram projetos normalmente coordenados pela Dalia Romero Montilla em parceria com o pessoal do Poli também, com Daniel [Groisman], coordenado por eles. E também muito importante porque estavam diagnosticando essa situação em relação aos idosos, colocando claramente a importância dos acompanhantes, de se visualizar os acompanhantes. Quando começou a vacinação, se questionou muito isso: por que você ia vacinar o idoso e não vacinava o acompanhante? O acompanhante – pode ser um familiar, uma pessoa contratada – não entrou nessa priorização no primeiro momento. Foi um trabalho voltado para entender o contexto do idoso na pandemia, mas também divulgando materiais, orientações. Teve uma produção de materiais voltados exatamente para os cuidadores, para que orientasse o trabalho deles em relação aos idosos que eles cuidavam, foram projetos importantes.

SK – Se você pudesse falar um pouquinho mais, Rodrigo, sobre essa articulação com os sindicatos e com os ACS. Como é que isso acontecia e qual você acha que era a expectativa desses grupos, em relação à Fiocruz? A imagem e a expectativa que eles tinham dessa relação?

RM – A nossa parte nesses projetos estava relacionada à produção dos sistemas. A gente conversava, discutia com a coordenação do projeto, tudo mais, mas a gente não chegou a participar dessas reuniões, desses contatos com os ACS. Mas certamente os dados serviram para eles também, para os grupos organizados. Tem uma associação de ACS, um sindicato, eu não sei exatamente o que é, que estava em contato permanente também com a equipe do projeto. E acho que o projeto deve ter surgido inclusive, eu não lembro exatamente os detalhes, desse contato permanente que já existe entre esse trabalho que o Politécnico faz, de capacitação, e dessa relação com os ACS, que a ENSP [Escola

Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - Fiocruz] também tem, junto aos ACS. De uma forma a gente tinha notícias a todo momento e a falta de EPI no começo era muito grave, falta de máscara, tanto que se falava para não comprar N95, porque desabasteciam os hospitais e tudo mais. Então tinha uma condição muito precária de saúde. Acho que esse foi o grande mote desse primeiro projeto do Politécnico com os ACS, em cima de uma hipótese do que já estava acontecendo em relação às condições de trabalho. Tem uns boletins muito interessantes, muito bem feitos, com gráficos, com análises, foi um trabalho muito bacana, mas a gente participou mais da fase dos sistemas. A gente não conseguia dar conta. Eles chamavam até para as reuniões, mas foi aquela fase em que a gente estava trabalhando 14 horas por dia com reuniões quase diárias, grupos no *WhatsApp*, para fazer essa construção desses sistemas.

SK – Quem era a pessoa de referência lá do Poli? Você lembra quem estava tocando?

RM – Acho que a Mariana Nogueira. Tinha uma outra pessoa também, de lá, a Camila Borges.

KL – Rodrigo, a gente estava falando, no outro encontro, sobre esse desafio de fazer projetos e ações com sujeitos que têm condições muito mais desiguais. Você falou agora dos ACS, da dificuldade, dos cuidados. E o ICICT estava ligado também, em alguns projetos, com determinadas comunidades. Não sei se o Painel Unificador Covid-19 nas Favelas do Rio de Janeiro seria um deles. Você poderia falar um pouco dos projetos, nesse sentido, descrevendo a relação com esses sujeitos?

RM – É importante dizer que a gente recebeu muita demanda e não conseguiu atender a todos. Então a gente tem critérios e os critérios não eram quem chegava necessariamente primeiro. A gente já trabalhando em cima dos eixos estratégicos que a gente vem amadurecendo. Tem um muito forte para gente, que é um eixo de defesa dos direitos humanos, de enfrentamento das desigualdades. Então, nos pareceu naquele momento que as condições de trabalho dos trabalhadores da saúde era um tema estratégico, exatamente a partir desse primeiro dado que a gente tinha. E se os médicos e enfermeiras de um hospital já estavam trabalhando em condições precárias, você imagine os agentes comunitários de saúde. Esse é um critério que norteou a gente. Os trabalhadores da Fiocruz, nem se fala, é um compromisso institucional. A gente entrou no primeiro momento. Os grupos vulnerabilizados, principalmente os que estão nas favelas, a gente atuou mais ou menos em duas frentes, sendo que uma das frentes em duas sub frentes. Um projeto é o “Dicionário de Favelas Marielle Franco”, que está no ICICT – embora o nosso envolvimento direto seja mais no apoio. As pessoas do Dicionário são uma equipe que veio com a Sonia Fleury desde o início, que trabalha no Dicionário desde o início lá na Fundação Getúlio Vargas (FGV). Foi um trabalho importante, nesse período de apoio e de publicização dessa situação, do que as favelas estavam vivendo, de comunicação dentro das favelas e o Dicionário conseguiu emplacar também um projeto de emenda parlamentar que a gente acabou renegociando com o Marcelo Freixo, ano passado. Era um projeto para trabalhar e montar um acervo dos documentos das favelas. Naquele momento a gente negociou com ele para ser um projeto de comunicação de apoio às comunidades. A gente transformou os recursos, acabou potencializando a ação de comunicadores populares dentro dessas comunidades: compra de equipamentos, pequenos equipamentos de registro, de *laptops* e etc, bolsas para esses comunicadores populares – nesse momento, inclusive, estava todo mundo sofrendo desemprego, dificuldade. Foi um momento bastante interessante e importante. Agora a gente retomou

esse projeto dos acervos com uma outra emenda do Glauber Braga. Então a gente já sabia e fez mais ou menos esse manejo. Até porque o primeiro projeto não tinha como ser viabilizado no momento inicial da pandemia. Não tinha como ir às comunidades. Tinha a qualificação de bibliotecário com pessoas da comunidade, foi tudo inviabilizado, a gente acabou direcionando o recurso com o aval, evidentemente, do parlamentar; a gente acabou apoiando esse projeto. Tem um outro projeto que a gente ganhou, do Inova também, agora que eu me lembrei, coordenado pela Inesita [Soares de Araujo], que é um projeto que tem objetivo de mapear as ações de comunicação nas favelas durante a pandemia. É um projeto dela com a Márcia Lisboa. E, pelo outro lado, a gente participa de um projeto que é mais conhecido, o “Se Liga no Corona”, articulado pela Cooperação Social da Fiocruz, com a participação de alguns setores internos. Esse foi um projeto em que a gente entrou de cabeça, que demandou muito de criação de peças gráficas, de criação de vídeo, de criação de áudios, de *podcasts*, inclusive. Chegou a ser utilizado inclusive em carros de som, dentro de favelas. Os primeiros foram feitos com o Nego do Borel – que na época não tinha ainda se metido nessas confusões todas que depois foram noticiadas – e tinha uma inserção muito grande entre os jovens dessas comunidades. E é bom que se diga que esses materiais foram feitos em parceria entre a Fiocruz e os grupos das favelas. Nosso setor de Multimeios, principalmente, esteve muito engajado na criação das peças gráficas: foram feitas, na primeira leva, mais de 100 peças gráficas; foram feitos cartazes também, impressos, folhetos – embora não fosse muito adequado ao momento; mas foi importante colocar os cartazes dentro dos espaços físicos onde as pessoas circulavam. E tinha um material digital que circulava pelas redes sociais. E grupos de *WhatsApp*, comunidades no *Facebook*, perfis de grupo de comunicação que atuam nesses territórios. De uma forma geral, uma coisa interessante que a gente percebeu muito foi o crescimento desses grupos com um viés duplo. Eles eram grupos de solidariedade porque, ao mesmo tempo, davam apoio aos moradores que estavam com dificuldades, inclusive distribuindo alimentos, verificando as necessidades das pessoas e procurando fazer esse diálogo com as instituições; e também iniciativas de comunicação que eram, na verdade, uma coisa que se misturava na outra. A gente fala muito, na comunicação e saúde, que participação é sinônimo de comunicação nessa relação com a saúde e, de fato, isso se mostrou muito presente nessas ações. Nessa vertente, a gente colaborou com o painel que sistematiza dados de várias favelas do Rio de Janeiro¹³ – isso chegou para a gente, não foi iniciativa nossa, é bom deixar isso claro. A gente não quer “roubar” a iniciativa de ninguém, muito pelo contrário, mas chegou como uma demanda para gente colaborar. Isso já era feito pelas organizações que atuam dentro das favelas e eles pediram para que a gente pudesse ajudar nesse processo. Eram os primeiros dados de vigilância dentro das favelas. O poder público não tinha esses dados, que eram gerados por essas organizações e abrangiam várias favelas do Rio de Janeiro. É interessante, porque isso não foi feito só no Rio de Janeiro. Em Paraisópolis isso também ficou muito marcado – a ação desses grupos de solidariedade, de comunicação, que orientavam também a comunidade e tinham um painel informativo com dados dos casos de covid. Isso foi muito importante para publicizar a situação desses territórios. A Fiocruz depois conseguiu, já mais recentemente, levar esse projeto de vacinação em massa para a Maré, complementarmente a uma visão mais ampla de atenção a essa comunidade e aos territórios vulnerabilizados. Então, a gente teve essas interfaces com esses projetos, com esses públicos aí, que foi muito interessante, continua sendo. Foi uma aproximação muito interessante. Não foi só a gente que participou. Acho que tem outros projetos que também têm essa inserção, essa interface, mas a gente teve uma participação grande nessa formulação de materiais de

¹³ <https://experience.arcgis.com/experience/8b055bf091b742bca021221e8ca73cd7>.

comunicação, nessa negociação, nessa conversa com as comunidades, buscando a melhor comunicação possível. Tinha um projeto também, tinha uma parte desse projeto que teve dificuldade de ser organizada, de entrar em ação mesmo, que era um selo que eles criaram, o selo “Fiocruz tá Junto”, que era uma proposta de avaliar materiais de comunicação feitos externamente e que especialistas da Fiocruz avaliariam se os materiais estavam de acordo. Porque tinha muito material de comunicação sendo feito, até porque eram informações que mudavam a todo momento – se a gente parar para pensar, inicialmente a OMS dizia para não usar máscara, depois isso veio evoluindo, o tipo de máscara, em que condições. Então, tinha essa ideia de a gente dar uma chancela a esses materiais, mas não funcionou muito bem, porque a disponibilidade das pessoas que poderiam fazer isso ficou cada vez menor também. Isso acabou impactando no “Fale Conosco”. Até hoje eu recebo mensagem da Ouvidoria dizendo: “Tal mensagem não foi respondida”. Você vai ver e é uma mensagem que deveria ter sido respondida por Bio-Manguinhos, mas aí você vai ver Bio-Manguinhos como é que está a situação. E aí isso aconteceu com várias unidades da Fiocruz que ficaram muito assoberbadas.

SK – Rodrigo, você está tocando em um ponto que eu acho que é muito importante e também levanta muitas questões, que é essa relação da Fiocruz com esses diversos grupos nos territórios. Você falou de parceria, de diálogos, essa perspectiva da participação, mas a gente sabe que nem sempre isso é fácil, né? Justamente nessa perspectiva que você está ressaltando, do reconhecimento do protagonismo, da agência desses grupos. Queria te ouvir sobre isso. Você está mencionando aqui esse projeto do selo “Fiocruz tá Junto”, como uma maneira de validar e de chancelar esses dados, esses processos. Você se recorda de alguma situação de dificuldade nessa relação? De alguma percepção de que a Fiocruz poderia estar hierarquicamente se sobrepondo a esses grupos do ponto de vista dos conhecimentos e das práticas ali que estão sendo acionadas para produzir esses materiais? Acho interessante a gente pensar essa relação – que pretende ser uma relação de reconhecimento dos lugares distintos mas, na parceria, mas, ao mesmo tempo, tem diferenças e tem assimetrias.

RM – Eu não tenho detalhes, porque como eu falei, eu não conseguia me aproximar tanto, embora tivesse interesse de me aproximar de cada projeto desse. Eu ouvia alguns relatos de desgastes, de negociações, de aprovações difíceis, mas esse tipo de informação, eu acho que valia a pena vocês documentarem, o pessoal da Cooperação Social pode relatar melhor. Inclusive a Luiza Henriques, que é uma jornalista da Cooperação Social, a nossa aluna no PPG inclusive, orientanda da Inesita, se não me engano. Ela foi a pessoa talvez mais importante, mais à frente, que teve nessa relação e nesse contato com grupos internos dos territórios. Então eu acho que ela pode te dar um relato mais preciso e mais diverso, mais plural e mais completo. Porque eu não participei de nenhuma reunião dessas, não tive contato com nenhum deles. Eu tinha contatos... Os únicos contatos que eu fiz foram os contatos que eu já tinha por fora e alguns diálogos pontuais. A gente fez algumas *lives*, a gente fez alguns debates e trouxe representantes da Maré para alguns debates nossos virtuais, mas não chegava a entrar por esses assuntos. Um tema que a gente trabalhou muito mais do ponto de vista político, e a gente chegou até a tentar a pensar projetos práticos em relação a isso, foi em relação ao acesso à internet. Algumas organizações da sociedade civil, no início da pandemia, fizeram uma campanha, fizeram inclusive uma petição à Anatel, Agência Nacional de Telecomunicações, pedindo que a Anatel negociasse com as operadoras a liberação de franquia no acesso a dados, no acesso à internet dos aparelhos celulares. Inclusive tem dados importantíssimos que o Comitê Gestor da Internet vem divulgando desde o início da pandemia, que mostram o quanto a

internet foi central para garantir o afastamento social, o afastamento físico e dados que mostram também as desigualdades. Dados que mostram como era impossível fazer um distanciamento físico para um grupo social que, primeiro, precisava trabalhar para levar alimento para casa e, também, porque não tinha acesso à informação, não tinha acesso a uma série de questões que nós tivemos trancados em casa. Quantas consultas não se fez durante esse período através desses softwares como o *Zoom*, etc, *Meet* e tal, acesso a banco, acesso a vários serviços públicos, a informações, ao entretenimento, comunicação com seus familiares e amigos, quer dizer, várias dimensões importantes a que nós tivemos acesso e esses grupos não tinham. A gente tem dados do próprio Comitê Gestor da Internet do Brasil que mostram que a maior parte dos acessos à internet no Brasil é feito através de celulares e a maioria dos celulares pré-pagos. Então, se as pessoas não tinham renda, não tinham condições de colocar crédito nos seus celulares também. Isso aumentou o fosso. Sem falar das atividades educacionais – tema que já foi amplamente divulgado e discutido e veio à tona com uma força grande. A gente chegou a pensar alguns projetos, conversamos com parceiros. Fizemos uma live, inclusive com participação do pessoal do Museu da Maré e com o Nupef [Núcleo de Pesquisa, Estudos e Formação], que é uma ONG com atuação efetiva e que tem um trabalho de montar pequenas redes de internet em áreas quilombolas e até em comunidades indígenas, em lugares mais distantes. A gente chegou a conversar com eles, pensar até a possibilidade de utilizar a própria rede Rio ou a estrutura da própria Fiocruz, para jogar um sinal lá para dentro, a partir da instalação de alguns equipamentos. A gente chegou a pensar em Manguinhos, que inclusive era mais fácil, mais perto fisicamente. Chegamos a pensar uma engenharia disso, discutimos com a Cooperação Social, mas acabou não andando. Essa é uma questão que eu penso que é fundamental. E não é só na pandemia. A pandemia só sublinhou a importância disso, o quanto a falta do acesso à internet enfatiza esse distanciamento, esse fosso social que a gente vive no Brasil, sob vários aspectos. Então, acho que essa é uma questão também que ficou muito clara para a gente.

SK – No caso do “Se Liga no Corona” quem você sugere que a gente pudesse conversar, para detalhar um pouco mais a dinâmica do programa?

RM – Da Cooperação Social, com certeza a Luiza Gomes [Henriques]. E do ICICT, quem participou mais de frente foi o pessoal do Multimeios. Quem também participou muito de frente foi a Renata Rezende, da nossa Ascom. A Renata [Rezende] esteve à frente desse processo.

RM: Pelo nosso lado, Renata Rezende pode dar um relato importante. Ela fez muito essa mediação junto com a Luiza.

SK – Certo. Rodrigo, você falou desses comunicadores populares. Traça para a gente um pouco o perfil desses comunicadores populares? Quem são eles?

RM – É muito diversificado. Inclusive no aniversário da ENSP, agora, vai ter um debate sobre comunicação na quinta-feira, acho que o título é “Comunicação é direito”, se eu não me engano, que eu vou participar, tem um comunicador do Jacarezinho, do LabJaca, o Bruno Sousa, tem uma pessoa com esse perfil, que a gente chama de comunicador popular. Na Maré, já há algum tempo existe um movimento de comunicadores populares. A própria Marielle Franco, a Renata Souza, elas fizeram parte de um jornal, *O Cidadão*, mas também é fácil de localizar – se eu não me engano a tese ou a dissertação da Renata

Souza é sobre esse jornal, sobre esse movimento. E outras pessoas foram se formando. Eu acho que isso é um reflexo também do acesso ao ensino superior, várias pessoas se formando em Comunicação. E não só pessoas se formando, mas pessoas que tinham interesse na atividade de comunicação – não necessariamente formadas, foram formando esses coletivos. Na Maré, hoje inclusive, eles montaram uma agência de notícias, uma agência de comunicação chamada “Palafita”, que é coordenada pela Gizele Martins, que é também uma comunicadora popular com uma projeção muito grande. A Gizele falou muito, ela tinha pelo menos duas ou três *lives* por dia durante o período inicial da pandemia, ela cumprindo um papel muito importante. O Dicionário tem uma relação com alguns desses grupos, mas existem grupos em várias favelas. Tem o Raul Santiago também, que é um comunicador conhecido, se eu não me engano, do Alemão. A gente fala que a comunicação é um direito humano. No momento em que a gente vive, de grandes contradições nesse campo, isso aparece com muita força. É um instrumento para denunciar a realidade, a violência desses territórios, as necessidades. Isso na pandemia ficou muito claro. Muitos desses coletivos denunciavam, durante muito tempo, as incursões policiais, com uma bandeira dos direitos humanos. São grupos muito interessantes. O Núcleo Piratininga de Comunicação é um parceiro, também do Dicionário, também tem uma relação com a gente, ajudou muito na formação também fazendo cursos, oficinas, existe hoje um número grande de pessoas envolvidas. Você tem pessoas que foram fazer trabalhos de fotografia, tem grupos de fotógrafos que atuam dentro das favelas, tem uma agência de notícias das favelas. Então você tem hoje uma atividade de comunicação bem diversificada dentro das favelas. Claro, diferente, umas mais, outras menos; cada uma com a sua característica. Mas hoje você pode dizer que você tem e que não é, necessariamente, como eu disse, uma atividade de um comunicador formado na faculdade – isso também é importante, a comunicação não é uma prerrogativa só de quem se forma na faculdade de Comunicação. A comunicação é para todo mundo, esses exemplos são muito claros e a importância disso para essas comunidades, para vocalizar as reivindicações, os problemas... A *Radis* também fez algumas matérias interessantes com esses comunicadores. Inclusive o Bruno Sousa, esse rapaz que vai participar do debate de quinta, segundo o Rogério me falou, participou de uma reportagem grande da *Radis*, mostrando um pouco desse cenário, um pouco dessa ação, desses comunicadores. Eu acho que o jornal é *O Cidadão*, o jornal que a Marielle e a Renata criaram.

KL – Rodrigo, ainda um pouco nesse esforço de caracterização das ações e dos projetos de pesquisa do ICICT, queria que você falasse um pouco mais sobre os projetos e as atividades de ensino, da relação com o ensino, seja com o PPGICS [Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do ICICT/Fiocruz], seja com outros cursos sobre o tema da comunicação.

RM – Nesse momento, nesse período?

KL – Sim, a partir dessa experiência da pandemia. O que isso deflagrou como ações, seja de pesquisas sobre temas variados na área da comunicação ou eventuais e articulações com o próprio PPGICS, eventuais cursos que surgiram a partir disso?

RM – Estou tentando puxar aqui na memória. Este início da pandemia imobilizou um pouco a área de ensino, né? A gente acabou mantendo mais o mestrado e doutorado, por uma necessidade clara de não interromper, fazendo as atividades remotas. É até problemático isso. Tem turmas de mestrado que provavelmente vão se formar sem ter se

encontrado, dado o período de curso curto. Claro, toda essa área de dados, de análise de dados, a gente recebeu muita solicitação para isso tudo, mas pelo que eu me lembro a gente não desenvolveu nenhum curso nesse período, relacionado a isso. Eu não lembro de a gente ter feito nenhum curso, inclusive nesse período. Acho que o LICTS [Laboratório de Informação Científica e Tecnológica em Saúde do ICICT/Fiocruz] manteve o curso da área de informação científica. A gente acabou adiando. O “Comunicação em Saúde”, que ia voltar, acabou não voltando. E lembrando agora, falando/puxando a brasa para a minha sardinha um pouco, um tema que ficou muito sublinhando nesse período, cada vez mais, é o tema da proteção de dados pessoais, a gente está ofertando um curso agora, fruto de um projeto que está em andamento, chamado “Proteção de dados em serviços de saúde digital”. É um projeto financiado por emenda parlamentar também, que tem o objetivo de fazer um grande inventário dos processos de produção e de captação de dados nos serviços de saúde digital, de uma forma ampla tanto em centros de saúde, hospitais, consultórios, mas também farmácias, plataformas, aparelhos que são muito utilizados hoje, uso de inteligência artificial. A gente está desenvolvendo esse projeto, que vai até o final do ano, e o nosso foco em uma doença e também com usuários – a gente está começando a entrevistar os usuários. A gente optou por fazer com uma doença crônica, porque é um tipo de doente que tem uma relação cotidiana com esse universo e pegamos a diabetes como uma doença que permite você navegar por esses sistemas, pelos aparelhos e tudo mais, que produzem dados que você não sabe onde vai parar. Então, a gente considera que essa é uma camada da cidadania moderna que as pessoas ainda não materializaram, não entenderam qual é a importância dela. Estamos fazendo esse grande inventário de sistemas, de práticas, mas tem uma fase final, que é uma fase de produção de material de comunicação para chamar atenção para essa dimensão. A gente está tendo a parceria de algumas instituições, de grupos de pacientes diabéticos que vão ser parceiros e vão ajudar a gente a formular esses materiais e vão ser parceiros na divulgação disso depois. Uma das entregas que a gente colocou no projeto é um curso de atualização que vai ser promovido, estão abertas 50 vagas, e que vai ser um curso no formato seminário. Ele tem uma lógica, claro, tem um fio condutor. E a gente está mobilizando principalmente as pessoas que estão compondo hoje um conselho de especialistas que a gente montou para o projeto, porque é uma área multidisciplinar, muito abrangente – você tem desde advogados, até pessoal da área da saúde coletiva, do dia a dia do SUS, passando por pessoas da área de informação, de sistemas, de Big Data. É uma área muito ampla, que necessita de um conhecimento muito amplo e não existem essas pessoas. A gente tem um grupo de 6 bolsistas que a gente está formando, são pessoas muito especiais para o futuro, para esses temas, porque a galera que é do Direito está aprendendo muito sobre saúde, sobre área de informação, sobre sistema e vice-versa. Então tem uma área, as pessoas estão engajadas... Está muito bacana o projeto. Esse curso a gente espera também que seja um de muitos... Inclusive a gente já recebeu demanda do curso. A área do Ministério da Saúde, fundações, porque é um tema muito novo e quando as pessoas jogam no Google e veem esse tema associado à Fiocruz, eles entram em contato: “Vocês não podem ministrar um curso?”. E a gente não tinha isso organizado. Agora a gente tem um curso experimental, que depois a gente vai modelar para poder ofertar para outras instituições. É um debate que também começa a entrar no Conselho Nacional de Saúde, a gente acha isso fundamental. O Conselho Nacional de Saúde está mobilizado, vai ter um seminário sobre isso, e a gente está fazendo esse esforço inclusive para conscientizar as instituições. A Fiocruz mesmo vai ter que se adequar à Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), que já entrou em vigor. Na Fiocruz é uma situação extremamente problemática, porque a diversidade de atividades e de tipos de dados que a gente trabalha no dia a dia é uma loucura. Vai desde a área de assistência

à pesquisa, à área de gestão de pessoas, são muitos tipos de dados que são trabalhados cotidianamente.

SK – Qual é o nome desse curso?

RM – “Proteção de Dados Pessoais em Serviços de Saúde Digital”. E essa é uma questão que também ficou muito nítida durante a pandemia. Eu olho de forma muito crítica. É claro que durante a pandemia tem horas que a gente não pode escolher o parceiro, né? E veio todo mundo junto somando, setor privado, setor público, mas me preocupam muito alguns aplicativos, tipo “Dados do Bem”, que a gente inclusive está usando na Maré, e ele tem uma sistemática semelhante inclusive ao sistema que a gente fez para o NUST. Eu entrei em vários desses sistemas, me cadastrei, baixei tudo o que tinha na época, porque eu ajudei, participei da criação do sistema do NUST. Ficou muito preocupante porque todos esses aplicativos recolhem dados das pessoas. E não são dados só estáticos, que são os dados tipo nome, endereço, tipo sanguíneo... Não. É uma produção de dados a partir da experiência de cada um. Esse é o dado que interessa para esse povo que lucra com dados para as grandes empresas. E não está claro, por exemplo, o que os “Dados do Bem” têm por trás do Instituto D’or. O que vai ser feito com esses dados? Quem tem acesso a esses dados? A Lei Geral de Proteção de Dados, na aprovação, teve alguns conflitos e bolas divididas, principalmente entre o setor privado e a galera que queria manter o monopólio de determinados dados na mão do setor público. Essa é uma questão que aparece com força quando você tem instituições públicas trabalhando com um aplicativo, que possivelmente vai levar esses dados para a mão de instituições privadas. Claro, já ouvi muitos dizerem assim: “Não dá pra olhar isso agora, você tem que salvar as vidas”. Eu entendo perfeitamente, mas como pesquisador me dou o direito e acho que tenho a obrigação de olhar criticamente isso. E não foi só “Dados do Bem”, tem vários, dezenas de aplicativos, alguns aplicativos relacionados também à saúde mental. Tem um trabalho bem interessante da Fernanda Bruno, da UFRJ, analisando um aplicativo relacionado à saúde mental. Você tem uma diversidade de dados, de aplicativos, que surgiram durante esse período também para monitorar e meio que dar uma orientação, né? Eu acho uma furada boa parte desses aplicativos, porque eu tive covid logo no início, como eu falei para vocês, e eu preenchia esses sistemas todos e eles diziam que eu não tinha nada, porque tinha uma variável que era a febre – que eles consideravam central nessa história – e quando você não marcava febre... Eu fiz uns testes também marcando febre, e dava. Mas é isso, muita produção de dados. Inclusive, teve um muito interessante em que você agendava uma consulta, uma teleconsulta, com um médico, para ele te orientar. Fui ver se funcionava e funcionou mesmo. Uma médica entrou em contato comigo, voluntária, teve muito voluntário nessa fase inicial... Foi um momento muito especial por conta da saúde, como as pessoas foram solidárias. Eu quase fiz uma entrevista ao invés de uma consulta, fiquei fazendo perguntas, como é que funcionava, ela disse que eles recebiam, que eles davam uma hora por dia cada um – um negócio muito interessante. Eu falei: “Eu estou com covid e eu quero saber quando que eu vou poder sair de casa de forma segura, ter contato com outras pessoas”, ela me orientou e tal e foi bem, muito bacana. Mas é isso, tem informações circulando, pessoais, sistemas de vigilâncias. Eu lembro que entrou em discussão a possibilidade de fazer sistemas de vigilância que pudessem localizar inclusive, geolocalizar onde estava o doente, para poder pensar ações naquele quarteirão – foram discutidos muitos aspectos éticos em relação a isso. Eu lembro que a gente foi totalmente contra isso, inclusive pelo perigo que poderia gerar para as pessoas. A gente tinha relatos em relação às favelas, por exemplo. Tinha uma favela que tinha o “Carro do Chicote”, e era um negócio que tinha mesmo:

chegava tal hora, era toque de recolher; quem tivesse na rua passava um carro com um cara chicoteando as pessoas. Um sistema produzindo um dado desse.... Vai que uma determinada facção que domina determinado território comesse a querer exterminar pessoas que estavam com covid para que elas não passem para outras pessoas. Tem que ter muito cuidado com a produção desse tipo de informação.

SK – Essa questão que você está trazendo, dos dados, é riquíssima. Você falou do “Dados do Bem”, que é uma iniciativa que está tendo muita visibilidade no Projeto Conexão Saúde. Eles estão diretamente envolvidos na Maré e em outras comunidades também, mas até onde eu sei, sobretudo na Maré, de uma maneira mais sistemática. A tua perspectiva crítica em relação ao “Dados do Bem” tem a ver com questões relacionadas à proteção dos dados e a maneira como é que isso é gerenciado, digamos assim, por esse grupo específico e por esse aplicativo ou pela natureza privada da iniciativa? Porque por outro lado também, a pandemia reconfigurou, de alguma maneira, a relação do público com o privado – de uma maneira também bastante específica, se a gente for pensar iniciativas como “Todos pela Saúde”, que apoiou o Centro Hospitalar e várias outras ações importantes da Fiocruz. Qual é a tua visão sobre essa relação entre público e privado, no caso específico dos dados e das informações?

RM – Você falou muito bem. Acho que teve uma conexão entre o setor privado, uma parte do setor privado que veio, que enxergou que precisava lutar contra uma pandemia que ia afetar todo mundo. Isso ficou muito claro e foram alianças importantes – não sou contra esse tipo de relação, não. Em alguns momentos ficou difícil pactuar quais eram os papéis e até onde ia isso. Acho que tem horas que não tem nem como botar isso na mesa – muito embora, a gente via o Jornal Nacional todos os dias enfatizando quais eram as empresas, quem estava participando e não dando tanta ênfase ao SUS e tudo mais. Tudo isso faz parte do jogo, mas sem esse tipo de aliança a gente não teria construído o Centro Hospitalar, não teria avançado em várias atividades que foram fundamentais para salvar vidas. Não tem nem como questionar isso. Agora, eu não tenho clareza do que foi pactuado em relação a esses dados, entendeu? Eu acredito que não tenha sido pactuado, que não tenha dado tempo de se preocupar com isso. Eu jogaria isso, inclusive, dentro dessa situação de emergência e da falta de experiência nossa, também, e de práticas. E muito embora o campo da saúde tenha uma tradição por conta da CONEP [Comissão Nacional de Ética em Pesquisa], dos Comitês de Ética e todo esse regramento da atividade de pesquisa com seres humanos, esse aplicativo não necessariamente se configura uma atividade de pesquisa – muito embora, se fosse da Fiocruz, teria que ter sido aprovado em Comitê de Ética. E a gente sempre acaba trazendo esses dados para a pesquisa de alguma forma, mas eu acho que isso não foi pactuado, a gente não passou por Comitê de Ética, não existe nenhuma pactuação clara, pelo menos... Eu não sei se você estava em um desses últimos CDs, em que eu até levantei essa questão e o Mário explicou e tudo mais. Eu acho que é um posicionamento que a gente tem que fazer, crítico, porque realmente esse é um aspecto que a gente precisa olhar, perceber e cobrar, pactuar, porque a gente realmente não sabe. A gente tem informações, por exemplo, que – talvez Kátia saiba um pouco mais sobre isso – Israel teve acesso mais rapidamente a pesquisar vacinas porque fez pactos, inclusive com a indústria de repasse de dados pessoais, não só de dados agregados – não sei se isso é verdade, mas a gente ouviu muito isso. Que as vacinas chegaram antes lá, em quantidade maior, por causa disso ... Não sei se a Pfizer fez isso, não sei, mas sei que esses dados são valiosíssimos. Porque uma coisa são os dados agregados, outra coisa são os dados pessoais, seja o de vacinação de cada pessoa, os dados dessas pessoas e os dados de acompanhamento dessas pessoas, dados de localização

geográfica, tudo isso. Não sei se isso é verdade, mas ouvi isso muitas vezes, acho que isso é um bom exemplo, se for verdade, mas eu também não tenho nenhum documento que me comprove isso. Teria uma coerência, seria uma moeda de troca interessante para a indústria, nesse caso. Dados de muitas pessoas. É um clichê, mas os dados são o novo petróleo, acho que essa dimensão a gente não consegue enxergar, a gente está começando a visualizar. São esses dados que permitem a gente, inclusive, saber quais são os valores das pessoas, qual o perfil de consumo, perfil de saúde, vários perfis que vão agregando e muitos que a gente não consegue nem enxergar, que os algoritmos conseguem extrair desses processos de análise desses dados, que são tão ricos, tão importantes hoje, para todos os negócios que conseguem trabalhar. Eu até tenho um exemplo, que eu sempre brinco – tem que sempre dar exemplos palpáveis, então tem que simplificar muito, né? Essa fidelização que eles fazem nas farmácias que você ganha pontos, sistema de fidelidade e tal. O sistema da Raia é o mesmo, o programa de fidelidade da Farmácia Raia é o mesmo do supermercado Pão de Açúcar – os dados estão indo para lá, você está ganhando pontos, mas os dados estão sendo agregados, os dados de consumo do supermercado com os dados de consumo de medicamentos e outros produtos, e as pessoas não estão percebendo isso. Então, eles sabem a frequência com que você vai ao supermercado, a qual supermercado que você vai, qual o tipo de consumo de alimento que você tem, qual é o tipo de medicamento que você compra. Então eu brinco sempre assim: os planos de saúde adorariam saber os dados de um cara que compra 100 garrafas de cachaça por mês e que começa a comprar remédio para o fígado. Então, aquele cara ali vai ser uma bomba para um plano de saúde, porque certamente ele vai ter doenças hepáticas sérias. Estou simplificando muito, mas é isso: os caras estão captando dados, agregando e se um programa de fidelidade começar... ele tá ligado ao Itaú também. Aí começa a juntar dados financeiros, é um mundo de exploração enorme! Isso é um pequeno exemplo da importância do que esses dados produzem. E quando você aceita, você vai ganhar colher, faca, panela, vai estar dando seus dados. Desconto em farmácia, quem é que não quer desconto, às vezes descontos enormes de alguns medicamentos... é impressionante. Tem medicamento que, se você entrar no programa da indústria da empresa, da farmacêutica, você ganha uns descontos violentos – às vezes de 40%, 50% – só que os caras estão vendendo ali o teu consumo. Uma das coisas que esse processo inicial da pandemia me trouxe foi uma pré-diabetes – quando eu vi minha glicose estava lá em cima. Comecei a tomar um remédio, que tinha um programa de fidelidade que me dava 40%, 45% de desconto. Meses depois eu recebi o contato da empresa, perguntando se eu topava responder um questionário e receber 100 reais por isso. Mas é isso, eles querem saber. Então, são esses dados aí que estão sendo... É por isso que eles pagam, né? O que são 100 reais? Eles pagam 100 reais por pessoa, me parece que se ganha muito mais com isso, né?

KL – Rodrigo, são muitas coisas interessantes. Essa coisa dos dados é fascinante e assustador, ao mesmo tempo. Dentre as várias coisas interessantes que você falou, eu queria que você falasse como você vê, se houve uma reconfiguração também da relação da Fiocruz – você está pensando a partir do ICICT – com outras instituições públicas ou com outros casos, até do privado. Esse novo cenário no qual a gente se viu, como é que essas relações se estabeleceram? Você vê continuidades, mudanças? Como você vê as relações da Fiocruz com outros parceiros e com outras entidades nesse novo momento?

RM – Acho que foi um momento de aproximação de todo mundo que pudesse colaborar. A Fiocruz tem um protagonismo nesse processo, isso tem aberto muitas portas. Eu tenho uma visão crítica dessa aproximação do setor privado, mas não acho que isso seja

necessariamente um problema. Ainda mais no momento, a gente está no meio de uma guerra, é uma guerra civilizatória. Eu diria que não só a pandemia, eu acho que tem um limite tênue ali que joga muita gente para cá e gente para lá. Quem quiser apostar na ciência e no enfrentamento à pandemia a partir do que a ciência tem estudado e tem indicado, eu acho que está no nosso campo – não importa se é banco, se é indústria farmacêutica. É claro, tem que ter um olhar crítico, mas eu não olharia de forma negativa essa aproximação com todos esses setores que a Simone citou. O “Todos pela Saúde” tem uma visão, existe uma construção, teses inclusive, que discutem, por exemplo, o “Todos pela Educação”, quais são as estratégias que estão por trás desse tipo de organização. Nesse momento, eu diria que é um dado para os pesquisadores estudarem no futuro próximo. Não dá para você pensar duas vezes no momento em que está falando de salvar vidas.

KL – Como instituições públicas, universidades, você acha que houve uma remodelação ou que a pandemia alterou pouco isso, novos parceiros?

RM – A gente vê aproximação de parceiros, mas eu não vejo novos, que isso reconfigurou a relação com instituições, outras públicas. Eu não consigo enxergar, pelo menos do meu lugar. É bem diferente do olhar do Maurício Zuma, que é quem está dentro, que está coordenando a produção de vacina; da Valdílea Veloso, que tem uma interação entre os hospitais, entre assistência; quem está coordenando UTIs certamente tem interações muito grandes com as secretarias de saúde. Houve aprofundamento dessas relações, formação de conselhos científicos, que vão, teoricamente – digo teoricamente, porque muitas vezes isso foi usado para respaldar inclusive atitudes irresponsáveis de governos e prefeituras, quando os conselhos não foram nem consultados. Mas essa aproximação foi muito importante. Eu acho que a articulação, que eu me lembro assim muito importante, e que a Fiocruz também está relacionada, foi com esse Consórcio Nordeste, que já existia e que houve um aprofundamento grande nesse período da pandemia, aprofundamento grande na relação entre as instituições que estão dentro desse território e outras instituições, inclusive colaborando com o Consórcio, que tem uma visão mais articulada e uma visão mais pró-ciência e tudo mais – eu acho que é possível você visualizar isso. Eu diria que, no campo da comunicação pública inclusive, uma das questões em que a gente tem participado agora é uma articulação principalmente das tvs públicas do norte e do nordeste, capitaneado pela TVE da Bahia. É um momento difícil para a TV pública. Você vê a EBC totalmente aparelhada e utilizada pelo governo federal, chegou até a transmitir *live* do Presidente. E você tem uma resistência ali, a partir da TVE da Bahia – não só ela, mas ela como um grande polo – fazendo grandes entrevistas com grandes cientistas, com várias pessoas da Fiocruz. Eles têm um programa chamado “Giro Nordeste”, que é transmitido para várias tvs públicas, com a Nísia [Trindade], com o Maurício Zuma, com o Miguel Nicolelis, Margareth Dalcolmo, com várias pessoas importantes, que foi transmitido para toda aquela região. Eles criaram um programa, se não me engano, “Univerciência” que é um programa que articula a produção principalmente das universidades desse território, divulgando pequenos programas, o que as universidades estavam fazendo no campo da ciência. Agora à Fiocruz, a gente foi convidado para o lançamento, a Cristiani [Vieira Machado] participou virtualmente. E a gente tem discutido a participação da Fiocruz nesse Univerciência, a partir das unidades da Fiocruz regionais que estão dentro dessa região, mais a VideoSaúde, mais o Canal Saúde – a gente tem discutido como contribuir com essa articulação. Posso citar no nosso campo, por exemplo, uma aproximação na área da informação científica, alguns projetos que tentaram juntar algumas iniciativas tentando trazer dados e abrir dados para uma

ampla análise. A gente teve iniciativas iniciais de revistas que abriram para acesso – revistas que cobram pelo acesso aos artigos. Pena que isso não perdurou, né? Mas teve um movimento, não só nacional, mas internacional, em torno disso. Movimentos que foram percebidos, que foram fundamentais nesse momento, essa consciência da importância. As revistas todas com o *fast track*, publicando os *pré-prints* de pesquisas relacionados, coisa que a gente já vinha vendo em outras epidemias, mas que, evidentemente, nesse momento, de uma forma bem mais ampla e bem mais articulada.

KL – A gente está falando de uma reconfiguração para fora da Fiocruz, com o setor privado e com o setor público. E para dentro da Fiocruz? Você acha que esse novo contexto trouxe uma reconfiguração entre as unidades?

RM – Essa é uma questão que eu venho falando, que eu falei muito no processo eleitoral, inclusive. E eu falei muito sobre essa reconfiguração da Fiocruz e o afastamento físico eu acho que dificulta que boa parte da Fiocruz visualize essa nova Fiocruz que emergiu desse processo. As pessoas não conseguem nem visualizar, tem gente que não vai ao campus desde que começou a pandemia, nunca viu o hospital, nunca viu a reconfiguração espacial da própria Fiocruz, quanto mais ter noção de tudo que tem sido produzido e a mudança de correlação de forças – eu não tenho a menor dúvida de que houve uma mudança de correlação de forças, de prioridades. De prioridades que vão se refletir em um futuro próximo, na “divisão do bolo” orçamentário, não tenho a menor dúvida disso. Hoje a gente tem recursos extraordinários para a pandemia que estão cobrindo o hospital, que estão cobrindo as áreas de testagem. Tudo isso foi feito... O BioBanco, agora tem um novo espaço lá na Expansão.¹⁴ Você tem ido à Expansão, Kátia? Você vai tomar um susto quando você for na Expansão porque o espaço já sofreu ali uma mudança bem grande. Tem um prédio novo ali embaixo, foi construído o Biobanco [Biobanco Covid-19/Fiocruz], tem toda uma mudança física na Fiocruz. Isso gera mudanças também na correlação de forças e na importância de projetos, de áreas – isso certamente poderá ser analisado com mais cuidado em um futuro próximo, mas eu percebo isso nitidamente. Eu acho que dentro do próprio ICICT a gente percebe isso: quais foram as questões mais relevantes, o que avançou, o que não avançou, o que dialogou mais com a sociedade, quais são as áreas de maior interface em um momento desses com a sociedade. Eu acho que isso ajuda a dar contornos à própria Fiocruz e as próprias unidades de uma forma geral, não tenho a menor dúvida. E aí sem fazer nenhuma avaliação, nenhum juízo de valor, eu estou visualizando mudanças que para mim são concretas. A própria atuação da Presidência, você vê uma nova organização, uma nova forma de atuar, para se adaptar a esse momento. Eu não sei como a Nísia aguenta, sinceramente. O quanto ela é demandada por muitas questões, tem que dar conta de toda uma demanda interna, que é imensa, contínua, intensa e enorme, e uma demanda externa imensa também, na relação com o parlamento. Você tinha falado das relações. Eu acho que a relação com o parlamento se aprofundou enormemente. Recentemente, a Fiocruz e o Butantan ganharam um título [de Patrimônio Nacional de Saúde Pública], tem um reconhecimento enorme. Espero que todo esse reconhecimento e todo esse aprofundamento da Fiocruz com o parlamento... isso para mim é muito claro e me parece que não só com o parlamento, mas também com o judiciário. A gente recebeu muita demanda, desde o judiciário local, Ministérios Públicos locais, defensorias, pedindo muitas vezes o parecer da Fiocruz para tomar uma decisão. Uma responsabilidade imensa. Isso gerava demandas para a gente do ICICT, de um juiz de uma cidade “X”, para gente dar uma opinião sobre um negócio que a gente

¹⁴ A partir de 2023, a “Expansão” passou a se chamar Fiocruz/Campus Maré.

percebia ali que era uma decisão que o juiz iria tomar sobre aquilo, sobre a efetividade de alguma medida em relação à pandemia. Eu lembro do Christovam em pânico com um negócio desse na mão, porque ele tinha que responder. Você imagina o juiz, o promotor lá de uma cidadezinha que tem que tomar uma decisão. Ele pega, joga no google, e vê lá: Christovam Barcellos, Fiocruz. Ele manda uma demanda para a Fiocruz, para a gente dar um balizamento mais científico para a tomada de decisão. Então, eu vi um aprofundamento dessas relações... A gente tem prazo, é obrigado a responder tudo. Nem que seja para responder que não é nossa praia, que não é a nossa unidade e que tudo mais, mas tem que responder. E tem que responder rápido. Isso chega para responder em 48 horas. Não tem nem muito prazo, não. Até o diálogo com o Supremo. Claro que nem tudo é falado, mas a gente sabe da relação direta do próprio Supremo consultando a Fiocruz em vários momentos. Estive conversando com o Igor Sacramento outro dia sobre o projeto da Claudia Galhardi [sobre *fake news*], eles procuraram... O TSE procurou a Fiocruz, por exemplo, para falar sobre *fake news*. Então a comunicação do Supremo entrou em contato com a Fiocruz. Estão fazendo uma reunião e, de repente, entra na reunião o Barroso [Luís Roberto], demandando da Fiocruz mundos e fundos. A a gente virou uma grande referência em tudo, entendeu? Queriam inclusive que a gente ajudasse eles a mapear *fake news* em relação ao TSE. Fora do contexto da saúde. Não é bem assim. A gente tem que buscar um equilíbrio, porque senão a gente traz toda essa máquina de *fake news* para cima da gente. É um limite tênue aí, e é perigoso, mas, ao mesmo tempo, mostra um reconhecimento da Fiocruz imenso. Então acho que a gente teve o aprofundamento dessas relações com o Judiciário, sem sombra de dúvidas, e com o parlamento também. Durante aquele período inicial da pandemia, em que a gente teve muito problema de acesso a dados, eu recebi várias solicitações da Mônica Geovanini, que é assessora parlamentar da Fiocruz Brasília: “Oh, o parlamentar está querendo informação sobre isso. Você consegue?” E normalmente eram relacionados ao Monitora Covid-19. E eu mandava para a nossa Mônica [Magalhães, coordenadora do Monitora Covid-19], e ela: “É nosso mesmo”, e, *pum!*, mandava o panorama geral desses dados ou uma planilha e a gente mandava para o parlamentar. O Parlamento que viu a importância da Fiocruz para ter acesso a dados e análises. A gente foi o fiel da balança em vários momentos. Aberturas de escolas... a opinião da Fiocruz foi muito importante em vários momentos cruciais de determinação de rumo mesmo, em algumas cidades, em algumas regiões. Então, acho que teve um aprofundamento. Certamente é uma área que a Fiocruz aprofundou muito e eu espero que isso se reflita positivamente para que a gente consiga concursos, concursos próximos e mudanças no próprio estatuto da Fiocruz em relação ao que as universidades têm, concurso para vacâncias. As pessoas morrem na Fiocruz e não tem concurso para repor; as pessoas se aposentam e não tem concurso para repor; essa é uma questão básica, espero que todo esse esforço nosso tenha esse fruto em um futuro próximo. Acho que essa relação com parlamento ajuda muito, porque há um reconhecimento da esquerda, do centro e de partes da direita, concretamente, isso é real. Não é um diálogo só com setores progressistas. Hoje o diálogo é com todo mundo que acredita na ciência.

KL – Rodrigo, queria agora puxar um pouco a nossa conversa para um tema que eu sei que é muito caro para você, que é o acesso aberto. A gente teve vários projetos em relação a isso, a área da informação científica. Você podia falar um pouco sobre esses projetos? Você pode até começar, focadamente, no Scan-Covid. Como é que ele foi idealizado? Qual o impacto que isso tem tido?

RM – Foram vários projetos, eu tentar lembrar aqui de algumas coisas, mas o Scan-Covid surgiu em uma interface com o ensino. Ele foi um produto de um aluno junto com a sua orientadora e foi agregando outras pessoas, um trabalho muito bacana que mostra inclusive a importância dessa interface com o ensino. Se não me engano, eu mediei uma mesa de apresentação em um centro de estudos, sobre projetos que surgiram nesse contexto. O Monitora Covid foi um produto premiado pela Enap e tudo mais, teve uma visibilidade imensa. E na área de informação científica, o Scan-Covid, foi uma coisa que surgiu de repente, a gente não sabia nem da onde tinha vindo: “Da onde veio esse projeto?” Veio do ensino, uma iniciativa de um aluno e com a orientação da Maria Cristina Guimarães, sendo agregado a outras pessoas e fez esse trabalho importantíssimo – agora, cabe a gente dar continuidade. Isso é um problema também desses produtos que surgem e que vão sendo agregados. A rede de bibliotecas também fez um trabalho importante, o Bibliocovid, eu acho, também fazendo levantamento bibliográfico, orientando. Ambos instrumentos na sua especificidade, fortalecendo e ajudando os pesquisadores a encontrarem o que está sendo produzido. A gente sabe que, no mundo atual, é um papel fundamental do profissional de informação, centralmente o bibliotecário, para nos ensinar e nos guiar neste mundo de *infodemia*, né? Tem informação demais, então é você saber andar, circular por esse mundo de informação e encontrar a informação correta. Você hoje tem muitos instrumentos para fazer isso, muitas ferramentas. E a gente está agregando ferramentas internamente para isso, que nos ajudam bastante. Antigamente você tinha que fazer uma busca em cada revista da Fiocruz, uma pesquisa no ARCA [repositório institucional da Fiocruz], uma pesquisa em cada base de dados, uma pesquisa no acervo das bibliotecas, cada um era um sistema. Com o sistema de descoberta, você faz uma busca geral e traz todos os resultados de tudo o que te interessa. Você vai refinando e vai encontrando aquilo que realmente te interessa. Essas ferramentas têm esse objetivo em um universo muito maior. A partir de alguns mapeamentos prévios, mas que já te guiam por esse mundo da informação científica. Então, são projetos que têm uma importância grande nesse momento.

SK – Esse aluno que você mencionou, como é o nome dele?

RM – Gustavo Barbosa.

KL – Rodrigo, falamos de vários projetos. Você lembra de alguma outra coisa, algum outro projeto, alguma outra ação, que a gente tenha deixado de fora e que você acha que é importante a gente registrar?

RM – Cabe registrar que o ARCA nunca teve tantos acessos. Você tem picos de buscas no ARCA, nesse momento, e não necessariamente por buscas relacionadas a covid, porque as produções também são recentes. E a gente acabou de fazer uma aferição – porque o ARCA é um indicador global da Fiocruz. A gente tinha planejado um crescimento de 10% e conseguiu crescer só 5% – então não é nem proporcional, a gente está até avaliando se é um momento de... Onde o passivo já diminuiu tanto que já não tem tanto depósito, ou se a pandemia e o afastamento físico tiveram algum impacto também nisso. Então o depósito não foi proporcional ao acesso nesse período. Os picos de acesso foram imensos, em todas essas bases de dados, porque a Fiocruz entrou mais no centro da pauta nacional e isso influencia nas buscas do Google também – e acaba levando as pessoas que vão buscando informações, vão chegando lá no ARCA também. O Portal Fiocruz, eu acho que devo ter falado na conversa anterior, teve picos imensos de acessos, muito grandes mesmo, a gente pode depois trazer dados. A Aldo Pontes é uma

peessoa que poderia, se vocês tivessem interesse, falar mais sobre isso, e tudo o que foi agregado ao Portal. De um dia para o outro, no meio dessa história toda, a gente estava fazendo o sistema do NUST, começando o sistema lá dos ACS e surge de um dia para o outro um Observatório Covid-19, que tinha que ser uma área do Portal. E que ia sendo reconfigurada todo dia, todo dia mudava alguma coisa: “Tem que botar esse conteúdo”. Então, se criar dentro do portal uma plataforma de informação e de comunicação e ir estruturando sem conseguir desenhar uma arquitetura previamente... Porque a todo momento isso modificava: “Ah, tem que ter um lugar para as notas técnicas”. “Não estava previsto”. “Então cria um lugar para as notas técnicas”. “Vamos dividir por tema”. “Sim, então vamos dividir por tema.” Todo dia tinha uma novidade, todo dia tinha uma demanda nova para a equipe, um grupo frenético do qual eu acabei participando neste início também, depois eu fui saindo, com a equipe do Portal trabalhando muitas e muitas horas por dia, para dar conta disso. Então essa foi uma experiência também, importantíssima. O Observatório, em si, tem um grupo imenso de pesquisadores, pessoas que têm uma experiência que eu acho fantástica. Se a gente conseguisse atuar de forma unificada em outras frentes, seria tão importante, em vez de todo mundo trabalhar só no seu cubículo. Claro que o trabalho do cubículo é importantíssimo: cada grupo tem uma metodologia, tem uma história, tem uma trajetória, tem uma metodologia, mas tem que ter essa articulação com o mundo exterior que não entende muito isso, né? “O dado é do InfoGripe ou do Monitora Covid? qual é o dado da Fiocruz?” A imprensa, então, teve dificuldade de lidar com isso e a gente também tinha no início, de divulgar. Depois foi construído um boletim, a Elisa Andriés pode falar até mais sobre isso, dessa relação com a imprensa. O Boletim tentava dar uma uniformidade às informações para fora, mas nem sempre as informações batiam, eram visões diferentes, eram às vezes análises de pesquisadores diferentes sobre um determinado assunto a partir de visões sobre a própria pandemia – visões um pouco mais radicalizadas, mais catastróficas, outras mais suaves. A gente foi encontrando muitas e muitas situações diferentes. Mas o Observatório é um capítulo fundamental para essa análise da Fiocruz nesse momento e essa dimensão da construção do Observatório como uma plataforma de informação e comunicação também é um registro importante que precisa ser feito, porque de fato as demandas chegavam... “Agora tem que ter uma área de vacina, entendeu?” “Essas informações já não podem mais estar ali, porque caiu a OMS já não indica isso, já não é mais essa versão.” Fora os conflitos internos: “Como é que esse conteúdo ainda está no portal?” E aí até sinalizando, já que esse projeto também tem um objetivo de fazer análises internas, em configuração interna, a CCS faz parte desse Comitê de Crise, se reúne diariamente com esse Comitê, com as pessoas que estão de frente, mas o Portal não. Então isso gerou muito conflito, porque não tem como a gente acompanhar essas mudanças todas sem estar imerso nessas discussões. Esses canais não existiam. A gente apontava, as pessoas diziam que era difícil, que era complicado, gerou alguns conflitos nesse andar, assim como vocês devem ter ouvido conflitos também entre a CCS e as assessorias de unidades, porque nem sempre a assessoria da unidade colocava informação levando em conta um contexto maior da Fiocruz – e isso gerava conflitos e gerava uma dubiedade na própria Fiocruz. Carregava um pouco na tinta demais em algum assunto que tinha que ser tratado de forma mais suave, com mais jogo de cintura. Então nessa área a gente teve conflitos, muitos conflitos. Mas na direção de tentar fazer o melhor possível, cada um na sua frente. Eu não tenho a menor dúvida disso. A gente amadureceu muito, os conflitos foram mais qualificados, inclusive os conflitos que antes eram mais de espaço, eles foram mais qualificados, muita coisa foi largada pelo caminho, acho que isso foi muito positivo, se amadureceu muito. Nunca se sentou tanto para conversar e para se alinhar do que nesse período. Acho que a gente nunca teve uma fase tão importante de alinhamento, que reflete também o momento

da Fiocruz. Não dá para desassociar isso do momento da Fiocruz, que teve um capítulo importante que foi o processo da reeleição da Nísia e o momento de buscar uma unidade maior dentro da Fiocruz. Tudo isso está associado, né? Acho que não pode separar nada disso.

SK – O quê pode melhorar, nesse caminho que você está apontando, de uma melhor resolução dos conflitos?

RM – É difícil, viu, Simone? A gente tentou vários caminhos. Comunicação é um lugar de poder, a gente tem muita consciência disso. É um espaço de disputa e é um espaço... E não é um poder em si, é uma área de exercício de poder, de um poder que é maior do que a comunicação em si, claro. Isso sempre foi uma “bola dividida”, essa relação do Portal com a CCS. “O Portal tem que estar na CCS? tem que estar no ICICT?”. Isso é um conflito eterno que a gente não consegue resolver. Embora a gente tenha avançado em muitas discussões, eu acho que é um conflito que tem que ser encarado e tem que se buscar uma solução. Mas qual a solução? Não sei te dizer. Eu sei que é um desgaste que é muito ruim para a nossa equipe.

SK – Pois é, eu ia te perguntar sobre a equipe, porque o Portal passou a ter uma visibilidade imensa como, literalmente, a face da Fiocruz na internet. A visualização da Fiocruz na internet passa muito pelo Portal. Você falou do Observatório, mas está tudo muito conectado. E eu acho que às vezes as pessoas não têm a dimensão – eu mesma não tenho a dimensão concreta do que é esse trabalho. Qual é a equipe que põe isso de pé? Qual é o perfil, a formação das pessoas? É importante ter essa dimensão, né?

RM – É muito importante, porque parece que é só criação de conteúdo e não é. E é bom diferenciar, antes de falar sobre isso, o que era o Portal e o que é a equipe do Portal hoje. Porque a equipe do Portal de antigamente, hoje, é a equipe do CTIC, que é o nosso Centro de Tecnologia de Informação e de Comunicação, que é responsável por vários projetos, por todos esses projetos que a gente falou aqui agora. Como você falou, o trabalho do Portal e de todos esses instrumentos de tecnologia, *web*, etc, têm uma dimensão multidisciplinar. Então, hoje, a imensa maioria dos projetos que a gente toca tem gente da área da comunicação, tem gente da área da informação, gente da área de desenvolvimento tecnológico e gente da área de infraestrutura – você não tem como dissociar isso tudo, porque você precisa, né? Você tem que gerar conteúdo, você tem a dimensão do olhar da comunicação, você tem um olhar das estratégias, de pensar a arquitetura de informação, você tem um trabalho de design muito grande, também, nisso tudo. Quando a gente começa um projeto do zero, com tempo para fazer, vai uma equipe multidisciplinar conversar com a tua equipe que quer fazer o projeto, entendeu? É feito um processo, a gente avançou demais nisso, a partir dos ensinamentos que a gente foi tendo e da formação dos nossos trabalhadores. O mestrado do Aldo [Lucio Pontes Moura], que é o coordenador do CTIC [Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação em Saúde do ICICT/Fiocruz], foi central para a gente alcançar essa visão, do quanto essa formação é também importante. Hoje a equipe do Portal dá conta de vários produtos tecnológicos da Fiocruz, não só do ICICT. Até porque, nesse momento de pandemia, a gente chegou a ter momentos de 70%, 60% de projetos serem da Presidência ou externos, demandas concretas. Você tem jornalista, design, analista de sistemas; você tem pessoas que são fundamentais para a infraestrutura, porque tem a segurança, tem o tratamento desses dados; tem uma equipe muito variada trabalhando nesses produtos. Sem isso a gente não conseguiria.

SK – Qual é a dimensão da equipe? Quantas pessoas mais ou menos? Só para a gente ter uma ideia.

RM – O CTIC foi a junção de quatro mini-departamentos, para você ter uma ideia. Então são quatro sessões, hoje: a sessão de informação, que é mais a área de informação científica, que é a área inclusive onde está o ARCA, mas eles participam também de vários outros projetos; a sessão de comunicação, onde o projeto principal é o Portal, mas também não é mais só o Portal; a área de desenvolvimento, que faz a área de sistema e dá toda a arquitetura, toda a montagem de todas essas ferramentas por trás; a área de infraestrutura, que dá suporte ao ICICT como um todo, mas também a esses projetos. As áreas no total reúnem, aproximadamente, entre 40 e 50 pessoas. A falta de recurso também tem um impacto muito grande nessa área. Tem pessoas que a gente está mantendo nesse processo todo com bolsa e que se mostrou fundamental e que a gente não pode perder mais. O cara está vendo a bolsa dele ir embora e sendo renovada a cada três meses, vivendo nesse solavanco, a gente está até discutindo isso com a Presidência, porque são pessoas hoje fundamentais que a gente precisa manter e a gente não tem orçamento para isso. Bolsa, eu digo assim... A terceirização é a precarização do servidor e o bolsista hoje já não é mais o bolsista do projeto. O bolsista é precarização da terceirização. O cara que você não consegue terceirizar, você mantém ele como bolsista permanente. Isso tem acontecido com uma generalização na Fiocruz, muito amplo, isso é muito complicado, né?

SK – É. Isso é uma questão.

RM – Então é uma equipe grande, muito grande e toda hora você precisa também agregar *expertises* novas. A gente falou sobre o projeto do 360, do drone, você vai trazendo gente nova que vai trazendo uma *expertise* específica e que vai se tornando... Aí você faz uma transferência tecnológica, mas isso não é pleno e aí você... Daqui a pouco você vê que aquele cara, ele não está ali só para aquele projeto, ele pode ser aproveitado e ele pode potencializar todos os outros projetos. Aí você tenta trazer esse cara para a equipe e aí começa a luta de manter o bolsista cada vez mais, entendeu? É uma área muito dinâmica e muito complexa. É difícil gerenciar isso, né? Muito difícil.

SK – Rodrigo, quem é que faz a curadoria – não sei se é o melhor termo – dos conteúdos sobre a pandemia que são veiculados pelo Portal? O portal acaba sendo a face pública da Fiocruz na web, né? Eu sei que as Ascoms mandam conteúdos. Quem faz essa curadoria? Quem é que faz essa seleção no portal e qual é o perfil desse profissional? E como é que vocês lidam com as informações e os conteúdos que vêm das unidades? Porque existe também essa questão, que é muito importante na Fiocruz e também é histórica, da ideia de uma Fiocruz que é só o Rio de Janeiro e que muitas vezes as unidades fora do Rio se ressentem dessa imagem. Como é que vocês lidam com essa questão no portal?

RM – A curadoria de notícias está sendo feita pela CCS, principalmente, nesse momento delicado. Como é que o portal fazia? Você tinha um processo semanal de entrar nos portais das unidades, nas revistas, nos produtos de comunicação das unidades, na *Radis*, na revista do Poli e eles selecionavam matérias e coisas para trazer para o Portal, naturalmente. Isso acabou mudando o fluxo exatamente por conta da pandemia e desse momento que a gente chama até de comunicação de crise, de emergência, em que você às vezes tem uma unidade falando um pouco fora da sintonia. Como eu falei antes, isso aconteceu várias vezes. Então, a curadoria passou a ser da CCS, a gente acabou com isso

para diminuir esse conflito, entendeu? A CCS que vai dizer o que vai entrar e o que não vai entrar na área de notícia. A curadoria do conteúdo do Observatório é feita pelo Observatório, pela coordenação do Observatório, tem que passar por eles, tem que ter o crivo da coordenação para entrar no Observatório – não é tudo que entra, muita gente manda coisas que não são para entrar. Eu não sei exatamente como é que hoje é feito, eu lembro que para cada subárea temática, tinha pessoas que eram responsáveis por esses conteúdos, mas tem outras áreas do portal, que não são só o Observatório. Por exemplo, “Se Liga no Corona”. É um trabalho difícil essa curadoria, é um trabalho múltiplo que você tem que ter jogo de cintura e, ao mesmo tempo, dialogar muito. É um momento difícil e eu acho que ele requer mesmo um cuidado especial, você não pode sair atropelando. Outro dia – toda hora acontece isso – um pesquisador vai lá e dá uma entrevista atropelando o Ministério sobre algum tema que podia ser tratado de outra forma. Não que o pesquisador não possa falar, mas a Presidência precisa saber antes também, porque ela tem que se preparar com o que vai vir depois, né? Você dá o tiro e vem o coice. Você atirou, você vai ter o retorno disso. Você tem que estar preparado e trabalhar isso junto com as unidades, mas nem sempre isso dá tempo, nem sempre você consegue alinhar isso tudo, o tamanho da Fiocruz é imenso. Em relação às regionais, o trabalho que era feito antes pelo portal em fazer essa busca ativa de temas, de assuntos e de matérias, envolve também as unidades regionais. O Portal não é só para a covid, mas nas questões relacionadas à covid, a parte de conteúdo da matéria é feita pela CCS.

SK – Rodrigo, você falou de comunicação pública, relação com a sociedade. Por que você acha que as pessoas confiam na Fiocruz?

RM – Porque a Fiocruz apresenta um conjunto de informações coerentes com o momento que a gente está vivendo. Aponta respostas objetivas para o momento que a gente está vivendo. Quer dizer, a Fiocruz não surgiu do nada também, né? A Fiocruz não começou a existir na pandemia. Tem um estudo de imagem da Fiocruz que sempre foi muito positivo. Pelo menos nesse último estudo a que eu tive acesso, era sempre muito positivo. Eu acho que a partir daí a Fiocruz foi se alargando a partir dos seus porta-vozes, da sua posição, da sua coerência, da importância que foi mostrando para os diagnósticos, os dados que foram produzidos, pelas orientações, pelos porta-vozes que foram, levavam empatia também nesse diálogo com a população. Eu acho que tem vários fatores aí, são múltiplos. A Fiocruz já tinha um pouco essa imagem relacionada à vacina, associada à pesquisa, a própria relação ali no território – várias coisas facilitaram a Fiocruz a ampliar e a conseguir intervir. Se a Fiocruz não tivesse nenhuma relação com a Maré, como é que ela ia conseguir entrar lá? “Vamos vacinar todo mundo aqui”. Não ia vacinar, entendeu? Então, é um diálogo de muitos anos, de muitos projetos, de uma relação antiga, que foi se ampliando durante a pandemia. A Fiocruz ajudou, inclusive, a transferir muitos recursos para a distribuição de alimentos na Maré – não foi só a gente que mediu, mas teve outras situações. E isso vai alargando, o que às vezes é até perigoso, porque às vezes a Fiocruz tem uma intervenção mais ampla do que o próprio Ministério da Saúde. O agigantamento da Fiocruz, se é que existe essa palavra, é muito grande em relação às suas ações, como eu falei: o Supremo vem falar, pedir para a gente ajuda para mapear *fake news* sobre as eleições, entendeu? Coisa que não é nossa praia. O que é relacionado àquela polêmica dos governadores, à decisão do Supremo, quem é que diz, quem é que não diz e tal, tudo bem. É relacionado à saúde, mas em relação aos outros temas não é. Eu acho que o crescimento dessa credibilidade foi em todas as esferas, das mais qualificadas - eu digo mais qualificadas em termos do debate mais qualificado de políticas públicas. Até as pessoas simples do dia a dia, do cidadão comum que encontrou na Fiocruz uma palavra

de confiança, uma referência de confiança. E eu acho que a entrada da Fiocruz, a resposta muito proativa da Fiocruz, em relação à pandemia. A pandemia entrou de um dia para o outro, a gente ficou acompanhando ela lá fora e de repente *pluft*, ela já estava aqui dentro. Depois a gente foi ver que ela já estava aqui dentro há mais tempo e que não tinha sido mapeada. Então, a foi muito rápida, teve a capacidade de agregar muitas frentes, né? A área de assistência, o INI desde o início. E eu acho que a Presidência teve um papel fundamental, a *expertise* dos vice-presidentes agregou muito, com certeza. Então você tem o Mário com toda a formação dele, com toda a experiência dele, o Krieger, você tem o Rivaldo [Venâncio da Cunha] por perto, esse time realmente foi muito importante. Eu citei alguns, poderia citar outros, até porque esse time é bem grande. Nem sempre ele é totalmente visível, uma parte dele é invisível. Eu acho que é isso, a atuação da Fiocruz na área da comunicação tem uma influência também nisso, ajuda a publicizar isso. A relação com a mídia foi muito positiva, com a mídia comercial. A gente não pode negar isso. Embora eu ache que a mídia comercial tenha tido uma atuação ambígua em determinados momentos. Vamos lembrar que no período inicial da pandemia tinha um programa matinal da Globo que era a manhã inteira sobre a pandemia e a Fiocruz falava ali horas por dia. Eram vários porta-vozes da Fiocruz falando ali todo dia. Isso, com certeza, acaba ampliando a autoridade da Fiocruz, né? Eu acho que essa presença permanente na mídia também... Porque é isso, né? É onde chega para mais pessoas, não tem jeito.

SK – Por que você acha que foi ambígua?

RM – Tem alguns exemplos que demonstram isso, né? Isso é até um trabalho para o Observatório, saiu hoje na mídia, para expor isso... Nas páginas que falavam de pandemia você tinha anúncio de ivermectina, grandes anúncios de ivermectina. Um Jornal Nacional que tinha muita informação positiva para mobilizar as pessoas para se proteger tratava alguns assuntos que davam uma sensação de normalidade. Vou dar um outro exemplo que você vai entender melhor o que eu estou querendo dizer: o Eduardo Paes dizer que vai ter que fechar, que vai ter que voltar atrás em tudo que ele prometeu, porque as pessoas não entenderam. Não entenderam, não, ele contribuiu para isso. Quando ele marca o dia do fim da pandemia, marca uma festa de reabertura dessas coisas, marca o Ano Novo, marca o próximo Carnaval, diz que vai acontecer isso tudo, ele está contribuindo para uma sensação de normalidade que não existe. Aliás, eu acho que esse é o nosso, talvez, principal problema: essa sensação de normalidade que as pessoas estão tendo. Ter futebol com público é uma sensação de normalidade. Você pode noticiar o jogo, falar do jogo, falar do gol, criticar o jogador x, y, z, falar mal do juiz, mas você não pode deixar de contextualizar que aquilo ali não deveria estar acontecendo, entendeu? São sinais cruzados. Tem os sinais explícitos, que são as autoridades que falam: o governo federal falando uma coisa, um governador falando outra coisa, o prefeito falando outra coisa, a Fiocruz falando em direções muitas vezes opostas, mas você tem uma naturalização, através da mídia, dessa sensação de normalidade, que eu acho que é o principal problema nosso. É o grande entrave para a gente promover o uso da máscara, fazer as pessoas tomarem a segunda dose da vacina. Essa sensação de que as coisas estão voltando ao normal e que não é verdade.

SK – Você acha que a mídia de alguma maneira usou a Fiocruz nas suas dinâmicas próprias, nos embates que são característicos desse mundo – que, obviamente, está muito além da pandemia do ponto de vista dos interesses políticos, econômicos? Você acha que a Fiocruz pode ter sido “capturada” nessa dinâmica?

RM – Eu não diria capturada, eu acho que é muito dinâmico isso. Eu acho que a Fiocruz tem um papel público a cumprir. Nós somos usados o tempo inteiro e a gente usa também, entendeu? Se a gente for falar de uso, há usos cruzados nessa história toda. Alguns com interesse público e alguns com interesses privados. A Rede D’or não está investindo tanto só “porque temos que acabar com a pandemia e a circulação do vírus”; por trás disso ela está potencializando interesses, também. O que não quer dizer que ela não esteja combatendo a pandemia e que não quer dizer que a inserção dela nesse processo não seja importante, mas ela está capitalizando, certamente, em vista da pesquisa, em vista da assistência, da venda dos serviços deles de uma forma geral. Afinal de contas, as grandes estrelas ficaram no hospital. Como é que é o nome? Eu nem sabia que existia aquilo. Não é Copa D’Or não... Copa D’or é agora para a classe média.

SK – Copa Star?

RM – Copa Star. Que é ali do lado, Copa Star, que é onde os astros, quem tem dinheiro, foi pra lá. Então tem os interesses, não tenha a menor dúvida disso. As empresas que estão por trás das vacinas, elas jogaram o jogo também, entendeu? No meio disso tudo, pouco se fala disso, mas elas estão jogando um jogo que é a lógica com que eles atuam no mercado. Por que a África tem tão pouca vacina? Porque não se quebram as patentes? Porque não houve um investimento mais rápido nas produções de vacinas nos países? Tem toda uma negociação. Hoje a Pfizer está negociando a produção no Brasil com a Europharma, mas isso são negociações que levam meses, anos. Hora nenhuma a indústria que produz a vacina, tirando as públicas, hora nenhuma elas deixaram de exercer as suas estratégias comerciais, não tenho a menor dúvida. Por que um país, por que que uma pandemia produz milionários? A gente já ouviu falar disso: quantos milionários surgiram na pandemia? A indústria de agulhas, de seringas, de materiais de EPI, de uma forma geral. É do jogo, não tem jeito, tem que comprar de alguém, não é isso? Mas houve um jogo aí de aumento de preços, teve várias situações que foram denunciadas muitas vezes e pouca intervenção governamental para entrar, se apoderar mesmo, entrando e pegando aquele insumo necessário. Acho que as empresas não perderam sua atuação do ponto de vista da sua dinâmica privada. E as que usaram também para melhorar a imagem das suas marcas – também não tenho a menor dúvida disso.

SK – A Fiocruz se tornou uma marca, né?

RM – Exato, exato! Não é à toa que a gente tem tanta empresa farmacêutica querendo patrocinar projetos da Fiocruz para associar suas marcas ao Castelo. Empresas das mais das diversas áreas. A gente já tinha isso, agora vai aumentar mais ainda!

SK – Agora, Rodrigo, te perguntando pelo outro lado – porque a gente está falando aqui da disputa pela Fiocruz, para ter a Fiocruz como aliada, como marca, enfim. Em algum momento você achou que a Fiocruz estava sob ataque ou poderia estar?

RM – A gente viveu vários momentos de preocupação. Vários momentos de preocupação, porque a gente está subindo uma ladeira, uma ladeira pesada, mas a gente não está andando em linha reta e o terreno não está lisinho. A Fiocruz, por exemplo, viveu um momento em que o IFA não veio, lembra? Teve um atraso da chegada do IFA, então “a Fiocruz não entregou as vacinas que tinha “prometido entregar” [Rodrigo faz o sinal de aspas com as mãos]. A gente teve vários momentos que não saíram exatamente como o *script*, que não dependiam só da gente ou a gente atrasou alguns processos também, que

é próprio do momento que se vive. Teve um problema interno em Bio-Manguinhos que atrasou a entrega de vacinas. A gente teve vários percalços, mas eu acho que na média a gente está sobrando. Só o tempo que levou para fazer aquele hospital e botar ele para funcionar e desafogar os leitos aqui no Rio de Janeiro foi uma coisa fantástica! E agora as entregas de vacina, mantendo esse calendário e cada vez mais, mas isso não foi sempre assim, isso não foi sempre assim. A gente viveu problemas graves, a gente se meteu em polêmicas grandes, questionamentos grandes com o governo. A começar com essa situação com o Mandetta, em que tinha um diálogo positivo com a Fiocruz, depois essa relação foi mudando conforme os ministros, questionamentos mais intensos do governo. A gente viveu muitos momentos diferentes nesse processo e muitos momentos – eu tive acesso a parte dessas informações – certamente as pessoas da Presidência podem falar, podem relatar com mais clareza e muito mais momentos que eu, imagino, de tomada de decisão. Momentos muito difíceis de se posicionar, bifurcações: “Vão por aqui ou por ali?” Isso aconteceu muitas vezes durante esse percurso que a gente está vivendo.

SK – Esse caminho que você disse que não foi “liso” [risos], essa imagem é interessante, é um caminho com percalços.

RM – É um terreno acidentado, né? Têm buracos.

SK – Um terreno acidentado. O que vem na tua cabeça se eu te perguntar qual foi o maior buraco? O momento em que você se sentiu assim: “Caramba, nesse momento aqui eu fiquei assustado, fiquei preocupado”. Sentiu ali, no solavanco.

RM – Difícil responder isso, muito difícil! A gente trabalhou muito na adrenalina. Eu acho que, na adrenalina, a gente não dimensiona muito isso. Eu lembro até que você perguntou se eu tive medo. Quando eu descobri que estava com Covid... Eu acho que foi isso, foi muito na adrenalina. A gente tinha muito problema no dia a dia, a gente sabia que tinha que continuar trabalhando. Eu acho que os momentos políticos, as inseguranças políticas da relação da Fiocruz com o Ministério e pensar o dia seguinte, eu acho que o cenário político certamente tornou esse terreno muito acidentado.

KL – Rodrigo, a gente está falando das relações, das práticas, das prioridades. O que você acha que foi para o ICICT o maior desafio no enfrentamento da pandemia? E para você, como diretor, o maior desafio? Estou te perguntando o que a Simone te perguntou de uma outra forma. Você consegue localizar isso?

RM – Tem uma dimensão que eu acho que todo mundo deve ter sentido, que é indicar que as pessoas têm que ir para a casa e, ao mesmo tempo, imaginar que elas vão trabalhar, que a gente vai conseguir ter uma dinâmica de trabalho para dar conta disso tudo aí, de todo esse desafio que se formava. Essa é uma questão que deu uma insegurança grande. Que as relações de trabalho à distância iam ser capazes de produzir – na velocidade em que a gente precisava produzir – soluções, projetos e iniciativas. Eu acho que a gente teve muito medo disso. Porque a gente teve que reconfigurar totalmente a nossa atuação. Quando eu digo que a gente trabalhou demais e continua trabalhando muito é porque... Por exemplo, trabalho de gestão: a gente trabalha com gabinete, com secretária, com chefe de gabinete, com o pessoal da gestão em torno e, de repente, não tem mais nada disso. Você é quem faz a sua agenda, porque não dá tempo, ou pelo menos parte da sua agenda, você não consegue falar... Você não pode pedir para alguém acionar tal pessoa, porque vai demorar tanto tempo, que você vai lá e aciona. As pessoas começam a te

acionar diretamente, também. As demandas começam a aumentar. Então, essa dinâmica para a área da gestão, para essa gestão como um todo, para essa gestão mais de direção, ela foi muito desafiadora! Eu acho que como um todo, para os setores, essa reconfiguração das relações de trabalho, do trabalho remoto, foi um grande desafio –está sendo um grande desafio. E outra é na área da saúde mental. A gente está tendo muitas baixas, uma paralisação de muitas pessoas que estão tendo problemas graves – algumas mais superficiais e outras mais graves. Aumentou muito. Crise de pânico, ansiedade, depressão são situações que a gente tem vivido de uma forma geral. É um desgaste muito grande, porque as chefias têm que ter habilidade também para direcionar para o RH, para o NUST, para a gente também dar um apoio às pessoas e ao mesmo tempo conseguir cobrir a demanda que aumenta. Esse desafio também, na área da saúde mental, acho que é um grande desafio da Fiocruz. Tenho conversado muito com a Andrea da Luz, da Cogepe, sobre isso, tenho me colocado como um aliado para levar esse debate para o CD, acho que o NUST precisa ser ampliado pela dimensão que hoje tem, principalmente nessa área de saúde mental. A gente está tendo sequelas e vai ter muitas sequelas ainda na Fiocruz, falando das sequelas físicas da Covid, mas as sequelas em termos de saúde mental hoje são muito concretas e precisam de um olhar. Essas questões nos trazem medo, nos trazem insegurança e são um desafio enorme, para todas as unidades, para todas as unidades. Esse trabalho remoto realmente nos desafiou e continua nos desafiando.

KL – Rodrigo, num registro mais pessoal, como é que tudo isso que a gente viveu e está vivendo impactou sua forma de pensar, o seu trabalho e de ver a própria Fiocruz?

RM – Ah, muito! Isso aí dava para a gente falar o dia inteiro. A gente se modifica, a realidade vai ajudando a reorganizar as coisas que a gente pensa. A realidade é muito cruel, mas muito transformadora. A gente se modifica, sem sombra de dúvida, principalmente a gente que tem um contato permanente com os debates do CD, que tem acesso a informações que o resto da Fiocruz não tem, de forma permanente. A responsabilidade que a gente assume, em um momento como esse, como Conselho Deliberativo e como responsável por unidades que produzem informação, produzem comunicação na rua. O senso de responsabilidade sempre foi muito grande, claro, a gestão sempre teve essa clareza, em um momento como esse, você não pode falhar. Não dá para falhar, não dá pra aceitar determinadas situações. A gente viveu muitas saias justas, muitos problemas que a gente precisava contornar. Eu não tenho a menor dúvida que eu mudei bastante. O próprio conhecimento do campo da saúde, de forma mais estrita, a gente foi obrigado a mergulhar com mais intensidade. Os processos políticos dentro da Fiocruz, dentro dessa dinâmica de distanciamento físico, também foram muito intensos – tanto a eleição para Presidente, como a eleição das unidades, isso tudo modificou muito a gente nesse processo. A forma de a gente pensar, a forma de a gente encarar a Fiocruz, a forma de a gente se colocar nesse cenário também. Desafiador! De se colocar à altura, de estar à frente de uma unidade em um momento como esse, isso aí é parar para pensar nisso, quando a gente para para pensar nisso, dá um frio na barriga mesmo! É extintor na mão o tempo inteiro, apagando incêndio e incentivando pessoas, mobilizando, discutindo saúde mental e o que faz com fulano, beltrano, como é que a gente resolve isso, dinheiro para isso, para aquilo. A gente amadurece muito nesse processo, não tenho dúvida disso. São anos que valem por décadas, não tenho a menor dúvida disso. E eu acho que é um privilégio, é um desgaste imenso, mas é um privilégio também enorme, é um aprendizado de vida, são histórias que a gente vive e vão ficar para sempre na memória.

KL – Pensando na pandemia para além da Fiocruz. O Rodrigo Murinho não é só o diretor, não é? Pensando na pandemia, pensando nesse processo todo que você viveu, você teria como dizer alguma coisa da tua vida em que a pandemia foi transformadora?

RM – [risos] Eu nunca parei para pensar nisso. Ela foi transformadora para mim primeiro quando eu tive que tomar consciência de que eu estava pré-diabético, já no início da pandemia, e, em junho, julho, porque a ansiedade, a falta de exercício físico... a consciência em relação a isso, eu já tinha alguma – já vinha lutando contra a balança e contra indicação do aumento do açúcar. Então, tem essa relação comigo mesmo, com a minha ansiedade, com a minha saúde mental, né? Buscar caminhos. Eu já tinha algumas práticas, tanto de exercício físico, como meditação, umas coisas assim. A gente trouxe para o ICICT, para a Fiocruz, práticas nessa área, também é importante de falar. A gente está há mais de um ano promovendo nas plataformas atividades de relaxamento, de meditação, duas vezes por semana. Infelizmente a gente sabe que a adesão não é tão ampla quanto a gente gostaria, mas isso vem também de um aprendizado que às vezes nem a gente consegue fazer, né? Gerenciar família, filhos adolescentes, em um momento como esse, é um aprendizado imenso. São muitos aprendizados: dos nossos limites, das nossas convicções, da nossa visão de vida, de morte, de se relacionar com a morte. Quantas pessoas não morreram no nosso entorno, não ficaram doentes e a gente tendo que lidar e não podendo parar tanto para lidar com isso. Certamente, tudo isso modificou muito a gente. Os nossos limites foram testados, relações se foram, relações vieram, foi um momento de muita mudança também.

KL – Rodrigo, faltou alguma coisa que a gente não te perguntou que você gostaria de acrescentar?

RM – Não sei. Acho que foi muita coisa, né? Se eu lembrar de algum dado, de alguma coisa que me escapou, depois eu mando, eu escrevo para vocês.

SK – Está certo, está ótimo! Rodrigo, eu queria te agradecer muitíssimo. Você falou dessa constatação de que a gente vive processos que vão ficar na memória. Seja na memória institucional, seja na memória pessoal, na memória coletiva, enfim. E é exatamente o objetivo desse projeto: deixar esse registro. É um privilégio ter ouvido você. Te agradeço muito. Seguimos adiante nesse caminho, que certamente é acidentado, mas que mobiliza muito a instituição e a gente está de braços dados aí nesse processo.

RM – Tem um detalhe que eu acho que é importante dizer, que Kátia provocou, agora me veio à cabeça. A importância do crescimento do SUS, da imagem do SUS para a sociedade. É uma felicidade ver aquele selinho “Aqui somos SUS” se multiplicando por aí. A gente lançou isso lá atrás, tinha uma dificuldade de adesão e, de repente, esse orgulho, essa necessidade de vincular as suas marcas, tudo o que você faz hoje na Fiocruz tem aquele selo e para fora também. Essa é uma questão, inclusive, que eu acho um desafio para a nossa comunicação. Eu tenho falado e acho que é uma coisa que a gente ainda não conseguiu dar uma resposta à altura, que é a gente ter uma estratégia para surfar melhor nessa onda positiva do SUS, porque isso vai acabar uma hora e a gente sabe que a própria mídia que falou bem do SUS, dentro do seu projeto de Estado mínimo, certamente vai voltar a falar mal das mazelas do SUS. A própria mídia que fala bem do SUS hoje continua defendendo o teto de gastos, continua defendendo uma série de políticas que nos sufocam de uma forma geral. Então, eu acho que essa questão do SUS é muito importante. Tem um dado importante, a gente criou, se não me engano, não sei

se nos 25 anos do SUS, se não me engano, a gente lançou uma plataforma chamada “Pense SUS”, que teve uma atuação importante, que teve debates ali, informações aglutinadas sobre o SUS, sobre a história do SUS. Ela está no ar ainda, ela é muito importante, mas a gente acabou investindo pouco nela, por falta de recursos. Hoje ela é pouco utilizada, mas é impressionante, o “Pense SUS” nunca teve tanta visita quanto na pandemia. Foram picos enormes, porque a gente trabalha com estratégias de posicionar bem as nossas plataformas dentro do Google – por isso o trabalho multidisciplinar também é importante, fazer isso é uma ciência, colocar informação para circular hoje é uma ciência. Sempre foi muito bem ranqueado, muito bem colocado. Quando você buscava SUS no Google, aparecia sempre o “Pense SUS”. Então, imagino a quantidade de pessoas que procuraram informações sobre o SUS nas plataformas, no Google, nos buscadores em geral e foram parar no “Pense SUS”. O “Pense SUS”, que estava sendo atualizado muito de vez em quando, teve um dos maiores picos de audiência de visitas da sua história. O que nos motivou, inclusive, a pensar na necessidade de reativá-lo e ter como uma plataforma de afirmação do papel do SUS na sociedade, capitalizando esse momento da pandemia. Então, queria também agradecer a oportunidade. Para a gente é importante dar visibilidade a esse debate da comunicação e da informação dentro da Fiocruz, nessa história que está se construindo. Eu estou conseguindo sistematizar algumas ideias, alguns pensamentos. A gente fez um artigo recentemente, me ajudou, debates para aulas futuras, o debate da ENSP depois de amanhã, tem várias coisas que esses debates, que essas conversas ajudaram a sistematizar. Certamente foram importantes.

SK – Que bom! Muito obrigada. A gente fica em contato. Tchau, um abraço!

RM – Joia. Obrigada! Um abraço!

KL – Obrigada, Rodrigo. Um abraço!

RM – Um abraço.

Todos – Tchau.